

**UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA**  
**REITORIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**  
**MESTRADO EM HISTÓRIA**

**Felipe Sanches Santos Barbosa**

**JEAN DE LÉRY:**  
**RELAÇÕES DE IDENTIDADE E ALTERIDADE**  
**EM UMA VIAGEM À TERRA DO BRASIL**

Niterói  
2022

FELIPE SANCHES SANTOS BARBOSA

LINHA DE PESQUISA:

SOCIEDADE, MOVIMENTOS POPULACIONAIS E DE CULTURAS

**JEAN DE LÉRY: RELAÇÕES DE IDENTIDADE E ALTERIDADE EM UMA  
VIAGEM À TERRA DO BRASIL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, *campus* Niterói, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Diogo Pereira da Silva

Niterói

2022

### CIP - Catalogação na Publicação

Barbosa, Felipe Sanches Santos.

B238 Jean de Léry: relações de identidade e alteridade em uma viagem à

terra do Brasil. / Felipe Sanches Santos Barbosa. -- Niterói, RJ, 202. v, 1-67p. il.; tabs.

Numeração da publicação: [i] – v, 1-67p].Referência(s): P. 62-67.

Orientador: PhD. Diogo Pereira da Silva.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Salgado de Oliveira, 2022.

1. Léry, Jean de, 1534-1611. 2. Brasil - Descrições e viagens. 3. Identidade e Alteridade, 4. Viagem à terra do Brasil (1578) – Livro. 5. TÍTULO.

Elaborado pela Biblioteca Universo Niterói, com os dados fornecidos pelo (a) autor (a), sob a responsabilidade de Sirléia Rodrigues de Mattos - CRB-7/5230.

**FELIPE SANCHES SANTOS BARBOSA**

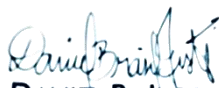
**JEAN DE LÉRY: RELAÇÕES DE IDENTIDADE E ALTERIDADE  
EM UMA VIAGEM À TERRA DO BRASIL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História, aprovada, no dia 31 de agosto de 2022, pela banca examinadora composta pelos professores:



---

**Prof. Dr. Diogo Pereira da Silva**  
Universidade Salgado de Oliveira



---

**DANIEL B. JUSTI**  
Professor Adjunto  
SIAPE 3035517

**Prof. Dr. Daniel Brasil Justi**  
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará



---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Cristina de Mesquita Garcia Dias**  
Universidade Salgado de Oliveira

## Resumo

Identidade e Alteridade, ou a ideia do “Eu” e do “Outro”, são aspectos essenciais para toda e qualquer análise, é sempre dessa relação dialética que ocorre sentido nas relações sociais e humanas, são conceitos diferentes que se interligam, a identidade é algo que se constrói, a alteridade se faz presente. Nesta pesquisa, pretendemos analisar o livro *Viagem à terra do Brasil* (1578) do cronista francês Jean de Léry (1534-1611), no qual o autor relatou a sua passagem pela França Antártica, entre os anos de 1557 e 1558. Considerando sua identidade de matriz cristã calvinista, procederemos uma análise de discurso dos relatos presentes na sua obra, buscando identificar os elementos discursivos que sustentaram a construção da sua narrativa, relacionando esta construção ao contexto das disputas religiosas na cristandade europeia do século XVI. Esta pesquisa tem também como objetivo, relacionar o estudo de certas propriedades: da produção de sentido (processo discursivo) com suas condições de produção e a exposição das limitações da perspectiva cientificista contida nas reedições da obra de Léry a partir do século XIX.

Palavras-chave: Jean de Léry, Alteridade, Identidade, França Antártica, Selvagem.

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I – A Circularidade da Literatura de Viagens no Século XVI.....</b>	<b>9</b>
1.1 Contextos da Literatura de Viagens.....	9
1.2 Imprensa e Recepção.....	13
<b>Capítulo II – As especificidades e singularidades no relato de Jean de Léry.....</b>	<b>18</b>
2.1 Jean Léry, a França Antártica e a religiosidade cristã no século XVI.....	18
2.2 Uma perspectiva sobre a crônica de Léry.....	28
<b>Capítulo III – As margens que dizem muito.....</b>	<b>34</b>
3.1 Notas que produzem sentido.....	34
3.2 Introdução e notas do tradutor.....	36
3.3 Nota de Paul Gaffarel.....	39
3.4 Dedicatória e prefácio de Léry.....	41
<b>Capítulo IV – A construção da imagem do indígena por Jean de Léry.....</b>	<b>48</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>61</b>
<b>Referências Bibliográficas:.....</b>	<b>64</b>

## Introdução

Com *Historie d'un voyage fait en la terre du Brésil*, Jean de Léry, que até a chegada à Guanabara era um simples sapateiro, obteve notoriedade não somente na França e na Suíça, como em outros países europeus. Em cem anos, a sua obra teve ao menos sete edições em francês e algumas em latim.<sup>1</sup> Trata-se de um texto com uma história característica, não apenas pela história de sua escrita e confecção, mas pela sua recepção nas culturas francesa e europeia do século XVI. Somente no século XIX, que a obra foi traduzida para o português no Brasil por Sérgio Milliet (1898-1966) como: *Viajem à terra do Brasil*.<sup>2</sup>

Os viajantes do início da Época Moderna legaram uma herança literária, cartográfica e iconográfica constituída principalmente por mapas, ilustrações, relatos de viagens e crônicas da invasão colonial europeia no Novo Mundo. Tais produções culturais possuem um caráter multidisciplinar e têm como pano de fundo comum o desvendar da alteridade humana e geográfica, construindo em seu conjunto, uma representação do outro e de uma natureza exótica aos europeus. Obras tão díspares, desde cartas náuticas, passando por diários de navegação, relatos de viagens, às crônicas de conquista que, juntas, formam o que Antônio José Saraiva e Oscar Lopes, chamaram de “Literatura de Viagens”, “Literatura de Viagens Ultramarinas” e “Narrativas de Viagens”, expressões que carregam certa controversa e caracterizam como gênero literário este grande *corpus* textual demarcado cronologicamente entre os séculos XV e XVI.<sup>3</sup>

Jean de Léry nasceu na região da Borgonha, na cidade de La Margelle, no ano de 1534. Ao considerar sua adesão ao calvinismo, acredita-se que ele pertencia aos estratos da burguesia, já que foi este grupo um dos primeiros a aderir a religião calvinista.

No ano de 1552, aos dezoito anos, ele viajou para Genebra, na Suíça, onde estudou Teologia sob as orientações do próprio João Calvino (1509-1564). Cinco anos depois, antes de completar os seus estudos e se tornar um ministro, Jean de Léry foi

---

<sup>1</sup> BELMONTE, Alexandre. Saudades do Novo Mundo. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Nº 92, Rio de Janeiro. 1º/05/2013, p. 44.

<sup>2</sup> LÉRY, Jean de. *Viagem a Terra do Brasil*. Biblioteca do Exército, 1961.

<sup>3</sup> Cf. DIAS, Ana Paula. *Diário de navegação de Pro Lopes de Souza: A Representação do real e os filtros de representação*. Letras & Letras, Projeto Vertical, 1997.

convidado para integrar uma expedição que rumava para o Brasil, sob a organização de Gaspar de Châtillon (1519-1572), Conde de Coligny, com o objetivo de auxiliar na fundação da França Antártica, empreendimento colonial francês localizado no atual Estado do Rio de Janeiro. Assim, Jean de Léry chegou na Baía de Guanabara, onde um Cavaleiro de Malta, o Marquês Nicolas Durand de Villegagnon (1510-1571), já havia iniciado a construção da supracitada colônia dois anos antes.<sup>4</sup>

Embora Léry fizesse questão de dizer que seu livro foi escrito “com tinta de pau-brasil”,<sup>5</sup> a sua crônica foi composta e publicada após o seu retorno à Europa, entre os anos de 1563 e 1578, após a conclusão de sua formação teológica, e em meio aos conflitos das Guerras de Religião entre católicos e protestantes.<sup>6</sup>

O relato de Léry levanta questões e debates desde praticamente sua publicação, uma questão central que se apresenta é da descoberta que o “Eu” faz do “Outro”. Na introdução de seu livro *O espelho de Heródoto*, François Hartog considera que:

Uma cultura (a nossa em todo caso) é feita de tal modo que não cessa de retornar aos “textos” que a constituíram, de ruminá-los, como se sua leitura fosse sempre releitura. Seja felicitando-se por isso ou lamentando-se, seja embalsamando-os ou recusando-os, ela parece tecida por seus fios – e como que já “lida” por eles.<sup>7</sup>

Adiante, Hartog argumenta a ideia de que a tarefa de um historiador da cultura pode ser a tentativa de “reconstruir a questão que esses textos respondem”.<sup>8</sup> Todavia, analisar o relato de Léry não sugere modernizar ou atualizar as leituras sobre a empreitada do calvinista francês. Trata-se, no dizer de Hartog, de “fazer ver sua inatual atualidade, suas respostas a questões que nós não mais levantamos, não sabemos mais levantar, ou simplesmente “esquecemos”.<sup>9</sup>

---

<sup>4</sup> Tais informações biográficas foram extraídas da nota de Paul Gaffarel que compõe a edição do texto de Léry a qual trabalhamos. Cf. LÉRY, Jean. *Viagem à terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961. p.9-10.

<sup>5</sup> BELMONTE, Alexandre. *Jean de Léry se tornou um dos maiores divulgadores do Brasil do século XVI na França*. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. 92ª ed. Maio 2013, p. 44

<sup>6</sup> Cf. nota de Paul Gaffarel in: LÉRY, Jean. *Viagem à terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961. P.9-16

<sup>7</sup> HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto: Ensaio sobre representação do Outro*. Belo horizonte, Editora da UFMG, 1999, pp. 15-16.

<sup>8</sup> HARTOG. *O Espelho de Heródoto*, p. 16.

<sup>9</sup> HARTOG. *O Espelho de Heródoto*, p. 16.



Há muito a historiografia se empenha no estudo do relato de Jean de Léry, dentre essas contribuições destacamos o texto “Etno-grafia. A oralidade e ou o espaço do outro: Léry” de Michael de Certeau, no qual o autor reconhece que:

(...) Mesmo que sejam o produto de pesquisas, de observações e de práticas estes textos permanecem relatos que um meio se conta. Não se pode identificar estas “lendas” científicas com a organização das práticas. Mas indicando a um grupo de letrados o que “devem ler”, recompondo as representações que eles se dão, estas “lendas” simbolizam as alterações provocadas numa cultura pelo seu encontro com uma outras. As experiências novas de uma sociedade não desvelam sua “verdade” através de uma transparência destes textos: são aí transformadas segundo leis de uma representação científica própria da época.<sup>10</sup>

Em sua discussão acerca das representações, Roger Chartier define que:

“As representações do mundo social, assim, construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”.<sup>11</sup>

Devemos considerar que a representação do “outro” que Léry fez não deve ser tomada como o “outro” de fato, por serem representações cujas construções são provocadas pela dinâmica do encontro entre culturas.

O antropólogo francês Frank Lestringant dedicou-se ao estudo de todas as edições da obra de Léry, tendo o seu foco nos novos adendos que cada reedição apresentada, assim argumentou que mesmo em passagens com tom elogioso, a descrição de Léry esvaziava os significados da cultura indígena e que isto servia de estratégia retórica:

De modo que a impressão de inocência que se desprende da História poderia ser enganosa. Trata-se sobretudo de um efeito da retórica que visa acusar por ricochete a perversidade bem maior da Europa. Em

---

<sup>10</sup> CERTEAU, Michael de. Etno-grafia. A oralidade ou o espaço do outro: Léry. In. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982, p. 213.

<sup>11</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p.17.

vez de realidade, um artifício, mais poderoso na medida em que se vale das desilusões da época.<sup>12</sup>

*Historie d'un voyage faict en la terre du Brésil* nos coloca questões fundamentais para o estudo, não apenas do primeiro século da colonização do Brasil, mas também ponto de partida para aprofundarmos a reflexão sobre as relações entre as representações da alteridade e processos de formação de identidades e de suas relações.

Em *A conquista da América*, Tzvetan Todorov estabeleceu o conceito de alteridade como uma categoria para analisar as relações entre os europeus e os indígenas na América. O autor fundamenta seus argumentos com base diversos autores como: Montollina, Las Casas e Duran, e define que somente a partir do contato com o outro que o indivíduo se identifica e se reconhece como um sujeito ativo na realidade a qual pertence. Desta forma, o indivíduo apenas pode ser considerado um “ser” quando interage com os outros agentes pertencentes ao mesmo processo histórico que ele. Para entendermos melhor o conceito de alteridade descrito por Todorov vamos citar um trecho de sua obra onde o autor diz que “podemos descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não é uma substância homogênea e radicalmente diferente de tudo que não é si mesmo, eu é um outro. Mas cada um dos outros é um também, sujeito como eu.”<sup>13</sup>

A partir da definição de Todorov, podemos caracterizar a alteridade como a busca por conhecer o “outro”, entender que o “outro” também sou “eu”, e que cada um tem as suas peculiaridades, culturas e maneiras de pensar diferentes. Instrumentalizaremos o conceito de Todorov para examinar que o não reconhecimento do outro pode causar a exploração e o abuso de poder, pois: “Se a compreensão não for acompanhada de um reconhecimento pleno do outro sujeito, então essa compreensão corre o risco de ser utilizada com vistas à exploração, ao ‘tomar’; o saber será subordinado ao poder”.<sup>14</sup>

Buscamos examinar as noções de sujeito e objeto, e de como suas relações podem conceber-se na produção literária. Thomas Bonnici, fundamentando-se em de teorias pós-coloniais propostas principalmente por Bill Ashcroft, Homi K. Bhabha, J. M. Coetzee e Edward Said, observa que o desenvolvimento da teoria do sujeito, desde René Descartes até Jean-Paul Sartre, limita-se à construção do outro como diferente e

---

<sup>12</sup> LESTRINGANT, Frank. De Jean de Léry a Claude Lévi-Strauss: por uma arqueologia de Tristes trópicos. *Revista De Antropologia*. n. 43, v.2, 2000. p.83.

<sup>13</sup> TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes 1982, p.2.

<sup>14</sup> TODOROV. *A Conquista da América...* p. 190.

inferior. Portanto, ocorre a objetificação quando se considera o outro diferente e, por ser diferente, é tido como inferior, e, por ser inferior, deve ser domesticado ou exterminado. Partindo do conceito de que o sujeito é o ser autônomo que tem controle de si, o objeto é o que depende de outro, não sendo capaz de conduzir sua própria vida, pode-se afirmar que o problema para o objeto é recuperar seu lugar como sujeito.<sup>15</sup>

Seguindo essa mesma linha que rompe com uma visão essencialista, as premissas teóricas de Antonio da Costa Ciampa abordam a identidade como categoria da Psicologia Social. O autor se utiliza do materialismo histórico como base teórica e do método dialético para sua construção, assim Ciampa entende que a identidade está em constante transformação, sendo o resultado interino da confluência entre a história pessoal, seu contexto histórico-social e seus projetos, ou seja, uma metamorfose. A identidade tem cunho dinâmico e seu movimento pressupõe uma personagem. A personagem para o autor, é a experiência pessoal de um papel previamente normatizado pela cultura. É preciso enxergar os indivíduos enquanto sujeitos participantes do processo de identificação, ressalta-se aqui a defesa da identidade como processo dialógico e dinâmico, assegurando o espaço das práticas sociais na compreensão dos processos de identificação.<sup>16</sup>

Neste trabalho, utilizaremos como documentação principal a obra *Viagem à terra do Brasil*, de Jean de Léry, em seu texto traduzido por Sérgio Milliet e editado pela Biblioteca do Exército, lançado em 1961. Esta edição foi produzida a partir de em uma reedição francesa do século XIX, editada por Paul Gaffarel (1843-1920), que teve como base a segunda edição, a mais difundida na Europa, e publicada em 1580.

Como primeira reflexão para trabalharmos com esse tipo de documentação escrita, precisamos refletir sobre a natureza e tipo de conteúdo desse registro, tomando em conta o seu contexto de produção. Inicialmente, se fez necessário considerar o universo cultural e simbólico ao qual pertence o autor de determinado texto, como também o canal de comunicação utilizado, registrando todas as informações básicas sobre essa produção (autor, data, local, contexto em que foi produzido/escrito etc.).

Em seguida, analisamos o texto propriamente dito, o seu conteúdo. A avaliação do texto a partir dessa dimensão presume uma apreciação estrutural e contextual,

---

<sup>15</sup> Cf. BONNICI, Thomas. Encontros coloniais na literatura de viagens no Brasil do século XVI. *Mimesis*. Bauru, v. 21, n. 1, 2000a.

<sup>16</sup> Cf. CIAMPA, Antônio da Costa. *A estória do Severino e a história da Severina*, São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

como provisos das nossas bases teóricas e metodológicas, temos os debates de Michel Foucault, em seu *A ordem do Discurso*,<sup>17</sup> e a contribuição metodológica proposta por Eni Orlandi em seu livro *Análise de Discurso*.<sup>18</sup> De forma geral, abordando diferentes dimensões, Foucault em uma abordagem histórico-filosófica e Orlandi em uma histórico-semiótica. De acordo com Ciro Flamarion Cardoso:

A análise do discurso [...] pode efetuar-se: pela semântica, teoria do conteúdo das significações ou, como agora passou a preferir-se, estudo das mencionadas significações que seja ao mesmo tempo gerativo, sintagmático e geral; ou pela semiótica, que se ocupa da expressão das significações e se sua produção.<sup>19</sup>

Sendo assim, é fundamental considerarmos que o documento sempre é portador de um discurso, uma construção, e não pode ser visto como algo que reproduz fielmente a realidade. Um texto, seja ele escrito ou imagético, não se dissocia de seu contexto de produção. Assim apreendemos significações sobre ele, aliando seu formato ao conteúdo, contudo, jamais poderemos ter certeza do que o autor do texto quis expressar.

A história é sempre o texto, ou mais amplamente, discurso, seja ele escrito, iconográfico, gestual etc., de sorte que somente através da decifração dos discursos que exprimem ou contêm a história poderá o historiador realizar o seu trabalho.<sup>20</sup>

Deste modo, nosso trabalho busca contribuir com a historiografia sobre as representações da alteridade no século XVI e os processos de formação de identidades, no sentido de evidenciar as transformações da cultura pela experiência do encontro com o “Outro”. Nosso estudo busca não apenas os impactos das culturas europeias em terras americanas, tema já bastante explorado pela historiografia, mas também, os impactos da descoberta das culturas ameríndias pela Europa.

O recorte de nossa investigação tem ênfase em um indivíduo – Jean de Léry – que transitou entre várias regiões e diferentes culturas, levou com ele as suas práticas sociais, crenças religiosas, manifestações culturais e memórias, fatores que o acompanharam durante o seu deslocamento a partir do contato com o “Outro”. No que se refere a espacialidade, o recorte do nosso projeto é focado em regiões atingidas, no século XVI, pelos processos colonizadores, mais precisamente na Baía de Guanabara,

---

<sup>17</sup> FOUCAULT, Michel de. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

<sup>18</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli *Análise de Discurso: Princípios e Procedimento*. Campinas: Pontes, 2020.

<sup>19</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. História e Análise de textos. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997. P. 538.

<sup>20</sup> CARDOSO. História e Análise de textos. p.541.

onde atualmente se encontra a cidade do Rio de Janeiro, e o continente europeu de forma geral.

Baseando-se no livro de Peter Burke *A escrita da história: Novas perspectivas*, em que o autor defende um modelo narrativo que abrace tanto a descrição quanto sua análise estrutural, buscaremos uma escrita que aproxime o leitor. Para isso, Burke sugere uma escrita mais literária e afirma que esse tipo de narrativa pode ajudar os historiadores a alcançar seus objetivos. Porém, o autor deixa claro que nem todos os artifícios da escrita literária são adequados aos escritos científicos, artifícios como o “discurso inventado” e “fluxo de consciência”, devem ser evitados, ou seja, apesar do historiador poder de certa forma Romantizar a escrita, mas ele não pode criar livremente seus personagens e nem inventar falas.<sup>21</sup>

O objetivo geral de nossa pesquisa é analisar o livro *Viagem à terra do Brasil* (1578) do viajante e cronista francês Jean de Léry, no qual o autor relatou a sua passagem pela França Antártica, entre os anos de 1557 e 1558. Com base na experiência do encontro entre a matriz cristã calvinista de Léry, a religião católica e as culturas indígenas, pretendemos esclarecer a importância das relações de identidade e alteridade na construção das narrativas presentes no livro.

Como objetivo secundário, pretendemos relacionar o estudo de determinadas propriedades: da produção de sentido (processo discursivo) com suas circunstâncias de produção e exposição das limitações da perspectiva “cientificista”, presente nas reedições da obra de Léry a começar pelo século XIX, mas que reverberam até a atualidade.

Léry parte, em seus relatos, de suas experiências transcorridas na França Antártica. Entretanto, no decorrer do texto, percebemos que a sua experiência e descrição são também constituídos de empenhos de dar significação ao que parece ser estranho àquele mundo pré-concebido.

Analisaremos o impacto das descobertas na consciência europeia do século XVI, procurando outros sentidos para os relatos de Léry em sua inter-relação com os discursos religiosos e das narrativas de alteridade a partir do contato com o Novo Mundo. Articularemos a circularidade da literatura de viagens com o surgimento da imprensa, a difusão do livro e as práticas de leitura a difusão dos imaginários sobre o

---

<sup>21</sup> Cf. BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo UNESP, 1992. p. 334 - 338.

continente americano na Europa e bem como os conflitos de religião entre católicos e protestantes. Analisaremos, também; às introduções, prefácios e notas, que são aspectos que interferem na leitura, limitando-a e interpretando-a conforme suas posições.

Apesar de ser regularmente citado como um modelo de deslumbre europeu em terras ameríndias, a crônica de Léry não é um relato inaugural. O Brasil que ele apresenta, já era, de certo modo, historicizado. À vista disso, debateremos a ideia de “Selvagem”, e alguns aspectos discursivos que, na obra de Léry, permitam alcançar a construção do “Outro” como objetivo de investigar a construção do “Eu” como sujeito.

Como hipótese do trabalho, consideramos que com o objetivo de legitimar a posição dos calvinistas no contexto dos conflitos de religião, o processo de escrita da obra de Jean de Léry tinha por base a contraposição ao discurso de grupos católicos.

# Capítulo I – A Circularidade da Literatura de Viagens no Século XVI

## 1.1 Contextos da Literatura de Viagens

No decorrer dos séculos XVI e XVII, as ideias e concepções sobre o mundo e o cosmo sofreram significativas transformações. Nicolau Copérnico (1473-1543), Giordano Bruno (1548-1600), Galileu Galilei (1564-1642), Johannes Kepler (1571-1630) e outros pensadores retiraram, com suas teses, o homem do centro da criação e difundiram ideias como a da infinitude do Universo e de mundos infinitesimais.

Nesse contexto, os descobrimentos astronômicos de Copérnico, por exemplo, suscitaram novas compreensões de mundo. A Terra não era mais o centro do Universo, Jerusalém não era mais o centro da Terra e a humanidade já não era o centro da criação. Nesse sentido, Klaas Woortmann argumenta que a tese de Copérnico homogeneizou o mundo, porém as “viagens de descobrimento já tinham, antes mesmo da nova astronomia, começado o processo de homogeneização do espaço terreno”.<sup>22</sup>

As Grandes Navegações, a partir do século XV, acabaram por demonstrar aos europeus que todo o planeta poderia ser habitado. Dessa forma, passou a vogar o imaginário de que a Terra seria capaz de conter numerosos lugares e ambientes, simultaneamente, formidáveis e medonhos. Esses lugares fantásticos em que habitavam monstros já estavam presentes no imaginário europeu desde a Antiguidade, e as navegações quinhentistas rearranjaram novos significados a estes conceitos.

Assim, deslocaram-se para o continente americano mitos como o do Paraíso Terreal, do Eldorado, das Amazonas, da ilha dos Canibais (Antropófagos) e etc. Guillermo Giucci afirma, em linhas gerais, que o imaginário do "maravilhoso" e do "monstruoso", ampliou-se na mesma medida que a colonização europeia avançava, esses conceitos foram transformando-se, até que o Novo Mundo passou de um espaço da fantasia para tornar-se um lugar do exótico. Essa transformação não se realizou por inteira no século XVI, antes, estava apenas em seu começo.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> WOORTMANN. Klaas. *O Selvagem e o Novo Mundo: Ameríndios. Humanismo e Escatologia*. Brasília: Editora UNB. 2004. p.19.

<sup>23</sup> GIUCCI. Guillermo. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras. 1992. p. 89.

O conceito de "literatura de viagens" é complexo; a expressão teve sua origem nas últimas décadas do século XX, para nomear como subgênero, uma herança literária (e também cartográfica e iconográfica) formada por textos produzidos entre os séculos XV e o XIX e de conteúdo multidisciplinar, distribuindo a sua elaboração entre a Antropologia, a Geografia e a História. Para Ana Paula Dias a "literatura de viagens" estava intimamente ligada à representação do "Outro":

Em linhas muito gerais, pode considerar-se que este *corpus* é integrado por obras redigidas, não por escritores (na moderna acepção da palavra), mas por participantes ou testemunhas presenciais dos acontecimentos narrados e que se identificam por uma temática comum- a descrição da alteridade geográfica e humana que a experiência ultramarina proporcionou, a revelação pela escrita de uma paisagem exótica (oriental e tropical) e da imagem do Outro, de uma humanidade diferente, com culturas, crenças, governos e costumes próprios. Situam-se, assim, num cruzamento interdisciplinar e constituem um dos patrimónios culturais mais ricos que o Renascimento legou à Humanidade.<sup>24</sup>

A autora também discorre sobre as especificidades na abordagem deste tipo de documentação:

Serão os critérios de recepção destes textos a desenvolver o sistema: o sentido genérico de "literatura de viagens" vai constituir-se a partir de um público que os recebeu em parte como históricos e em parte como entretenimento, acabando em última análise por ser definida como aquilo que os leitores e os escritores entenderam como tal. É um corpo de textos promovido por editores e leitores e não pode ser ignorado que esta seleção obedeceu a móbeis, conceitos e preconceitos dos seus promotores, pelo que na sua análise há que ter atenção às condicionantes externas e internas que lhes estão subjacentes – existem estereótipos políticos, religiosos e culturais que enformam as descrições feitas pelos seus autores. Quando chegavam a um mundo novo, interpretavam-nos em função de ideias feitas que tinham- mas, obviamente, este não é um problema exclusivo da literatura de viagens, dado que o literário aparece inevitavelmente ligado ao espaço, ao tempo e ao modo e ao longo da história sempre existiram problemas com a edição de textos, a censura e auto-censura.<sup>25</sup>

Fazendo uma análise da "literatura de viagem", especificamente a crônica de Jean de Léry, Michel de Certeau a pôs na categoria intitulada "discurso etnográfico" ou

---

<sup>24</sup> DIAS, Ana Paula. *Diário de navegação de Pro Lopes de Souza: A Representação do real e os filtros de representação*. Letras e Letras. 1997. Disponível em: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/ensaio39.htm>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

<sup>25</sup> DIAS, Ana Paula. *Diário de navegação de Pro Lopes de Souza...*



"heterologia". Destacando escritos do século XVI ao XVIII, Certeau, estudou o relato do aventureiro sobre sua passagem de 1556-1558 na Baía de Guanabara.

Sobre o discurso etnográfico, Michel de Certeau em "Etno-grafia. A oralidade e ou o espaço do outro: Léry" distinguiu quatro fundamentos relacionados a heterologia como campo científico; oralidade (comunicação própria da sociedade); espacialidade (quadro sincrônico de um sistema); alteridade (diferença que aponta um corte cultural); e inconsciência (estatuto de fenômenos coletivos relacionados a uma significação que lhes é estranha).<sup>26</sup>

Compete à Etnologia acomodar, na escrita, o lugar do outro em seu esquema de oralidade. Certeau salientou, ainda, que a Etnologia tem como seu enfoque principal no que não está escrito e estrutura-se relacionando às condições de vida social (inconscientes), enquanto as histórias (narradas pelos viajantes quinhentistas, dentre os quais Jean de Léry) predominam seu foco em significados fixados em um quadro de escrita identificável conforme um referencial de origem. Assim, a "etnografia" como operação de escrita sobre o "outro", inclina-se a redução dos quadros de oralidade, espacialidade, inconsciência e alteridade, desempenhando por intermédio do "outro", um regresso a um universo já dado. Nessa "escriturística", o "outro" encontrará espaço em "recalques" do discurso.<sup>27</sup>

Neste sentido, a "literatura de viagens" ocupa-se em especial com o "outro", procurando "apanhar" a oralidade, a espacialidade, a inconsciência e a alteridade em meios de escrita (ou de história). Deste modo, a "estranheza" deste discurso habitaria em proceder, por escrito, algo que os humanos não "se ocupam em fixar na pedra ou no papel".<sup>28</sup> Certeau, argumenta que:

A descoberta do Novo Mundo, o fracionamento da cristandade, as clivagens sociais que acompanham o nascimento de uma política e de uma razão novas engendram um outro funcionamento da escrita e da palavra. Presa na órbita da sociedade moderna, sua diferenciação adquire uma pertinência epistemológica e social que não tinha antes; em particular, torna-se o instrumento de um duplo trabalho que se refere, por um lado à relação com o homem "selvagem", por outro à relação com a tradição religiosa. Serve para classificar os problemas

---

<sup>26</sup> CERTEAU. Etnografia: a oralidade ou o espaço do outro... p. 211-242.

<sup>27</sup> CERTEAU. Etnografia: a oralidade ou o espaço do outro... p. 211-242.

<sup>28</sup> CERTEAU. Etnografia: a oralidade ou o espaço do outro... p. 212.

que o sol nascente do "Novo Mundo" e o crepúsculo da cristandade "medieval" abrem à *intelligentsia*.<sup>29</sup>

Assim, as narrativas dos viajantes foram elencadas principalmente na escrita e transpassaram a história e a etnologia, seguindo conforme um sentido cristão e medieval. Perceptivelmente, isto expressa, manter-se no campo da narração. Ater-se também ao que o escrito diz da palavra. Para Certeau:

Mesmo que sejam o produto de pesquisas, de observações e de práticas estes textos permanecem relatos que um meio se conta. Não se pode identificar estas "lendas" científicas com a organização das práticas. Mas indicando a um grupo de letrados o que "devem ler", recompondo as representações que eles se dão, estas "lendas" simbolizam as alterações provocadas numa cultura pelo seu encontro com uma outra. As experiências novas de uma sociedade não desvelam sua "verdade" através de uma transparência destes textos: são aí transformadas segundo as leis de uma representação científica própria da época: Desta maneira os textos revelam uma "ciência dos sonhos"; formam "discursos sobre o outro", a propósito dos quais se pode perguntar o que se conta aí, nesta região literária sempre *decalada* (com relação ao que se produz de diferente).<sup>30</sup>

Deste modo, o discurso heterológico de Jean de Léry demonstra um modo europeu e cristão [calvinista] de conhecer e reconhecer o "Novo Mundo".

Estudando o ensaio "Des caniballes" e utilizando-se do conceito de heterologia, de Michel de Certeau, Frank Lestringant diz:

Com "Dos Canibais", Montaigne inventa o que Michel de Certeau chamou de "heterologia", isto é, um discurso do outro, que é ao mesmo tempo discurso sobre o outro e discurso em que o outro fala. Na base da operação etnográfica, a heterologia é uma "arte de jogar com dois lugares", um modo de estimar num lugar o que falta no outro (Certeau, 1985). A heterologia provê um espaço intermediário, um palco reversível, em que a última palavra não pertence necessariamente ao sujeito primeiro do discurso, e a crítica não poupa o enunciador, ele mesmo atingido por ricochete. Ora, a declamação é, em essência, uma heterologia. Ocupa um intervalo, fabrica um afastamento, em que o risco do efeito bumerangue da palavra livre é plenamente assumido.<sup>31</sup>

Desta maneira, a heterologia é uma forma de enfatizar num lugar o que falta no outro.

---

<sup>29</sup> CERTEAU. Etnografia: a oralidade ou o espaço do outro... p. 213.

<sup>30</sup> CERTEAU. Etnografia: a oralidade ou o espaço do outro... p. 213.

<sup>31</sup> LESTRINGANT, Frank. O Brasil de Montaigne. Revista de Antropologia. São Paulo, v. 49, n. 2, 2006. p. 527.

Para Andrea Daher, os discursos heterológicos podem ser compreendidos “[...] como a declamação; os dispositivos irônicos; o paradoxo; as geografias imaginárias ou paródicas”.<sup>32</sup> Embora eles simulem a fala do outro, segundo a historiadora, seriam um recurso utilizado a fim de amplificar as críticas e juízos do enunciador, pois:

Esses discursos se apoiam numa defasagem, antes espacial que temporal, construída num espaço intermediário, entre dois, em que não há precisamente diferença cultural que os separe de modo a autorizar a crítica, considerando-se que, antes do século XVIII, eram governados pela analogia, segundo a qual a alteridade se define por graus de semelhança e não como diferença; em todo caso, se em discursos ditos “heterológicos” o índio fala, é porque se faz presente na página escrita através da ausência de sua voz; e mesmo ao falar, em enunciados supostamente transcritos, não costuma ser representado como falante em primeira pessoa.<sup>33</sup>

Assim sendo, a presença da voz do indígena nos discursos heterológicos, não é somente um exercício de alteridade, mas, fundamentalmente, uma tentativa de “autorizar a crítica.”

Nesta perspectiva, a "literatura de viagens" proporcionou a construção do conhecimento sobre o Brasil e seus habitantes, porém, esta construção se dava de acordo com ideias religiosas e culturais, como a do "Estado Selvagem", e eram permeados, conforme será apresentado mais à frente, por projetos de estabelecimento colonial e por relações entre europeus e nativos ameríndios.

## 1.2 Imprensa e Recepção

Em *A Ordem dos Livros*, Roger Chartier, partindo das ideias de Michel de Certeau, comenta sobre a existência de duas dimensões distintas: o escrito e as leituras. O escrito não seria apenas constituído de um significado primeiro, verdadeiro, que foi construído pelo autor e que cabe apenas ao leitor desvendar, o escrito é sempre um lugar de discurso, portanto um lugar de conflito que não pode ser analisado fora da sociedade, já as leituras seriam produções de significados que este leitor elabora a partir dos

---

<sup>32</sup> DAHER, Andrea. *A oralidade perdida – Ensaio de história das práticas letradas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 18.

<sup>33</sup> DAHER, Andrea. *A oralidade perdida – Ensaio de história das práticas letradas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 18 e 19.

códigos culturais de que dispõe, portanto também não pode ser deslocado do contexto social.<sup>34</sup>

Assim, ao optar por utilizar a Literatura enquanto fonte, o historiador deve tomar os mesmos cuidados que segue ao lidar com qualquer outra categoria de fonte, como também entender que uma obra literária é a expressão tanto de um autor, quanto de sua época e, também, de seus leitores, não se pode imaginar a Literatura sem levar em conta sua produção e recepção.

Existia um público-leitor para o gênero da literatura de viagens e um público que recebia os relatos presentes nos textos – mesmo que não tivessem lido essas obras de forma direta – podemos pensar de que maneira se dava a disseminação das informações que era fomentada tanto pelas narrativas quanto por seus leitores. Dentro desta perspectiva, deve-se atentar a possibilidade de influência dialógica na construção de representações. O que o leitor recebia não era apenas “o sentido da obra”, mas a experiência nela contida e a temporalidade nela expressada, as obras atuavam sobre as configurações sociais e ao mesmo tempo eram moldadas pelas mesmas.<sup>35</sup> Deste modo, considerando a “rede de relações” estabelecida entre as narrativas, os leitores e os grupos que tiveram acesso aos textos ou foram influenciados por eles, pode-se traçar alguns conjuntos de representações circulantes sobre o chamado “Novo Mundo”.

Para Paul Ricoeur, um texto não é fechado em si, no sentido de estar completo, é o leitor que conclui o seu significado durante a leitura. Se a princípio o texto tem um sentido interno, depois da leitura conterà um significado.

O texto tinha apenas um sentido, quer dizer, relações internas, uma estrutura; agora tem uma significação, quer dizer, uma realização no discurso próprio do sujeito leitor; pelo seu entendimento, o texto tinha somente uma dimensão semiológica, agora, tem, pela sua significação, uma dimensão semântica.<sup>36</sup>

Este movimento não se faz desassociado da compreensão dos signos culturais que é o lugar no qual o “eu” [o sujeito] se documenta e se constrói. Nesse sentido, é necessário levar em conta tanto o processo de desenvolvimento da leitura quanto a difusão do texto para um público não necessariamente leitor.

---

<sup>34</sup> CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros: Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa Entre os Séculos XIV e XVIII*. 2ª Ed. Brasília: Editora da UnB, 1998.p11/12.

<sup>35</sup> Cf. RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo 3, Campinas/São Paulo: Papirus, 1994.

<sup>36</sup> RICOEUR, P. *Do Texto à Ação*. Porto: Rés-Coleção Diagonal, [s.d.] p.156.

A Época Moderna emerge com diversas mudanças políticas, sociais e culturais em relação aos modelos de organização do final do Medievo. Entre vários fatores importantes para a construção destas mudanças está a invenção da imprensa em meados do século XV por Joanes Gensfleisch von Gutenberg (1400-1468), o que provocaria no século seguinte uma progressiva popularização do livro no continente europeu, alterando a relação das pessoas com o texto escrito.<sup>37</sup>

Alexandre Belmonte em seu artigo *Imprensa, Leitores e Leituras no Século XVI Possibilidades de Recepção*,<sup>38</sup> baseando-se nos estudos de François Roudaut, analisa o papel da imprensa mecânica durante este período, o autor afirma que “a imprensa somente proporcionou o estímulo material que até então impedia o desenvolvimento rápido de um processo de trocas culturais que já vinha sendo estruturalmente posto em prática há muitos séculos”.<sup>39</sup> E que, por certo, no decurso da Idade Média, o livro já se estabelecia como regulador de determinado conceito de civilização. Como exemplo, podemos citar as atividades monásticas, que tinham como aspectos materiais, além da função do copista, a preparação do couro do carneiro para a confecção do pergaminho, também a pintura do pergaminho, a passagem de verniz, a costura, colagem e etc. Diversas atividades nos mosteiros convergiam-se em torno do livro: prática de cantochões e hinários, alfabetização, leitura e orações.

Belmonte argumenta que “a imprensa mecânica desmonta muito dessa organização ao redor do livro”.<sup>40</sup> À vista disso, é necessário salientar, determinados elementos que transformaram a relação da sociedade europeia com o livro após a implementação da imprensa. É no decorrer do século XVI que o livro ganha um formato material bem distinto do manuscrito, a multiplicidade de formatos proporciona leituras particularizadas e singulares. As publicações in-octavo, formato de livro portátil, possibilitaram uma ideia, até então irrealizável, de “biblioteca sem muros”.<sup>41</sup> Os textos adquiriram mais objetividade: a página do título e do autor ganharam evidência, chegava à impressão de gravuras, retrato do autor e ilustrações. As significativas

---

<sup>37</sup> BACELAR, J. *Apontamentos sobre a história e desenvolvimento da imprensa*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Lisboa, 1999. Disponível em: Acesso em: 02 agosto 2021.

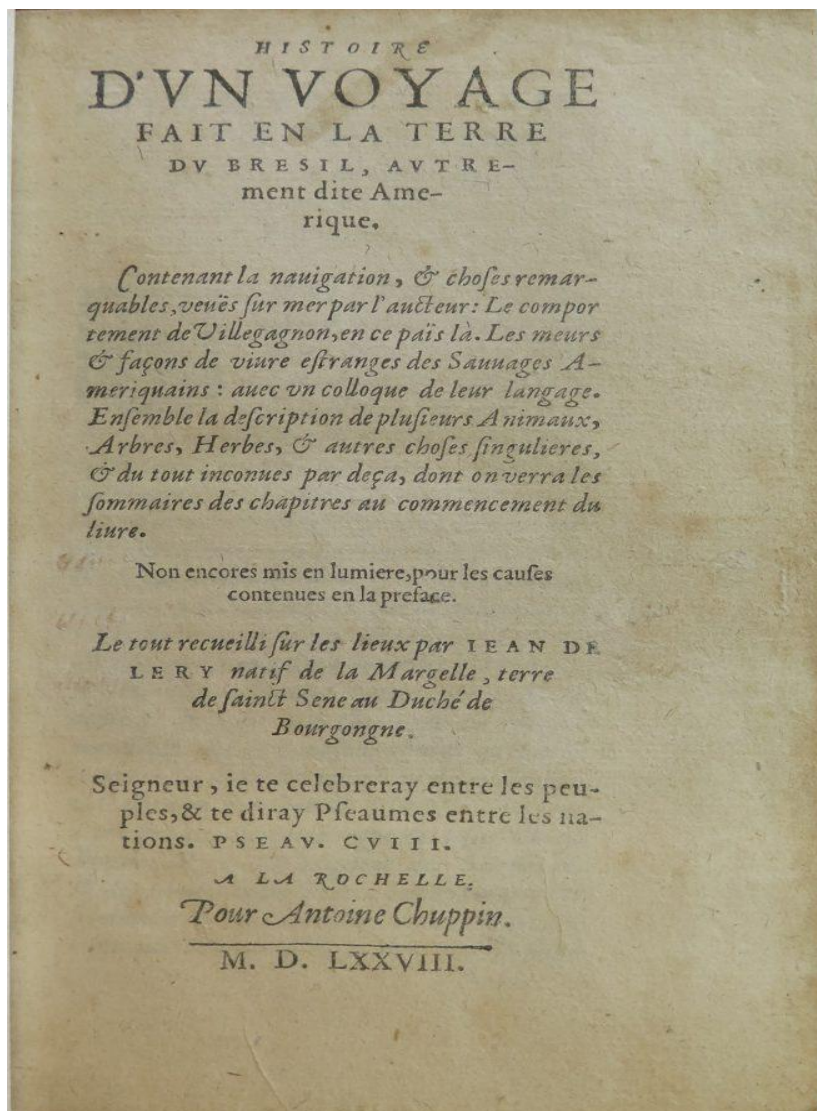
<sup>38</sup> BELMONTE, Alexandre. *Imprensa, Leitores e Leituras no Século XVI: Possibilidades de Recepção*. In Revista UNIABEU Belford Roxo V.7 Número 15, janeiro-abril, 2014.

<sup>39</sup> BELMONTE, Alexandre. *Imprensa, Leitores e Leituras no Século XVI...* P.87.

<sup>40</sup> BELMONTE, Alexandre. *Imprensa, Leitores e Leituras no Século XVI...* p.88.

<sup>41</sup> Cf. CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros: Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa Entre os Séculos XIV e XVIII*. 2 ed., 1998. p.67.

mudanças nos aspectos materiais do livro e todo aperfeiçoamento visual do século XVI, deram maior legibilidade e praticidade na relação com o escrito.



**Figura 1:** Fac-símile da 1ª. edição da Histoire de Léry. Arquivo Biblioteca Nacional. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_obrasraras/or813623/or813623.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or813623/or813623.pdf). Acesso em:13/01/2022

No lugar de longas glosas, coloca-se as citações, que funcionavam como argumentos de autenticidade e persuasão, especialmente em entre os pouco ou parcialmente letrados. Nas crônicas de Léry, as citações foram feitas em formato de manchetes às margens do texto, da mesma maneira que os destaques a algum ponto que o autor ou seu editor queriam destacar.

Por meio de observações das páginas de títulos de obras quinhentistas, é possível constatar que a posição do autor já era fundamental no começo do século XVI. O título das obras, de forma geral, estavam exibidos em letras avantajadas, e o nome do autor em itálico ou em caixa alta. Alexandre Belmonte, sustenta que a imprensa logo tornou-

se indústria, e as predileções editoriais passaram a ser movidas por interesses econômicos, estima-se que cerca de 200 milhões de exemplares de livros e de 150 a 200 mil edições foram publicados ao longo do século XVI,<sup>42</sup> porém em ambientes ainda muito iletrado, a leitura em voz alta perdurava como uma prática comum, muitas vezes traduzia-se textos em vernáculo para dialetos usados pelas populações, as ilustrações no decorrer do texto faziam parte dos pressupostos de convencimento e autoridade.

Percebemos que a literatura de viagens não repercutiu apenas entre os letrados, mas reverberou - mesmo que de forma diferente - em toda sociedade europeia. A cultura do livro e a literatura de viagens definiram uma espacialidade para as colônias, transformaram a terra distante e exótica em terreno transitável para o leitor europeu.

O discurso sobre a alteridade transformou-se, de forma gradual, em um padrão cultural, uma vez que reiterava a marcação da diferença em relação a um “Outro” considerado bizarro, exótico e selvagem, definindo aos poucos as especificidades culturais de quem escrevia, sustentando uma identidade e um lugar do qual podia apontar-se as distinções. Os relatos de viagens pareciam satisfazer, para as pessoas do século XVI, certo desejo de evasão da realidade, porém, essa mesma realidade que era o ponto de partida do viajante, era também o ponto de chegada. As longas viagens pareciam sempre reconduzi-los ao mesmo, à sua derivação.

---

<sup>42</sup> BELMONTE, Alexandre. *Imprensa, Leitores e Leituras no Século XVI: Possibilidades de Recepção*. In Revista UNIABEU Belford Roxo V.7 Número 15, janeiro-abril, 2014.p.91.

## Capítulo II – As especificidades e singularidades no relato de Jean de Léry

### 2.1 Jean de Léry, a França Antártica e a religiosidade cristã no século XVI

O dia era 20 de novembro de 1556, da enseada de Caulx – nas proximidades da cidade portuária de Le Havre, no norte da França – zarpou o *Grand Roberge*, com seus cerca de 120 ocupantes. O navio rumou ao Brasil, mais precisamente para a região da Baía de Guanabara, ou como os franceses batizaram, a França Antártica – uma empreitada que começou em 1555 e que delineava seus contornos a partir das ações do vice-almirante bretão, o Marquês Nicolas Durand de Villegagnon (1510-1571).

No *Grand Roberge*, viajou o autor de *Historie d'un voyage faict en la tere du Brésil (Viagem à terra do Brasil)*, que até então, era um simples sapateiro e estudante de teologia Jean de Léry. Nas páginas de seu livro, ele acabou por narrar os contratemplos dessa expedição, o fracasso do empreendimento francês em terras brasileiras e a experiência de seus contatos com os católicos e com os tupinambás que já habitavam o território.

Falar é tomar partido, é identificar-se. A inevitável articulação do simbólico com o político está no alicerce da constituição das subjetividades e das identidades humanas. Tomando corpo na linguagem, a ideologia revela-se como o princípio norteador das matrizes de sentidos presentes nas formações discursivas, o qual oculta a sua estrutura em seu próprio funcionamento: o de produzir a evidência e a transparência dos dizeres.<sup>43</sup>

Partindo da proposta da análise do discurso, deixemos por um instante o *Grand Roberge* na supracitada enseada francesa, e busquemos mostrar alguns aspectos que possam elucidar o contexto no qual Léry estava inserido no momento de sua vinda para a terra do Brasil.

Jean de Léry nasceu na cidade de La Margelle, na região da Borgonha, no ano de 1534. Ele era sapateiro de ofício, e não possuía então um status de intelectual. Os estudiosos de sua obra creem que ele pertencia aos estratos da burguesia, já que foi

---

<sup>43</sup> Cf. ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8º Ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.



este grupo o primeiro a filiar-se ao movimento reformista de João Calvino.<sup>44</sup>

No ano de 1552, aos dezoito anos, viajou para Genebra, na Suíça, onde estudou teologia sob as orientações do próprio João Calvino. Cinco anos depois, antes de completar os seus estudos e se tornar um ministro, Léry foi convidado para integrar uma expedição que seguia para o Brasil, a qual era organizada pelo Conde de Coligny, com o objetivo de auxiliar na empresa colonial da França Antártica.<sup>45</sup>

Do que se tratava a missão francesa na Baía de Guanabara? Sobre esta questão, tomemos o testemunho de Léry:

Em 1555, um senhor Villegagnon, cavaleiro da Ordem de Malta, também conhecida por Ordem de São João de Jerusalém, desgostoso da França e também da Bretanha onde residia então, manifestou a vários personagens notáveis do reino o desejo, que de há muito alimentava, não só de retirar-se para um país longínquo onde pudesse livremente servir a Deus, de acordo com o evangelho reformado, mas ainda preparar um refúgio para todos os que desejassem fugir às perseguições, que de fato eram tão terríveis nessa época que muitas pessoas de todos os sexos e condições viam por toda a parte seus bens confiscados por motivos religiosos e eram, mesmo, não raro, queimadas vivas em obediência a éditos dos reis e decisões do Parlamento.<sup>46</sup>

O Marquês desembarcou e se estabeleceu na Baía de Guanabara no dia 10 de novembro de 1555, inicialmente na ilha de Seregipe, chamada pelos franceses de *Lê Ratier*, e posteriormente na ilha de Villegagnon, batizada de *Coligny* (em homenagem a Gaspar de Coligny, ministro do rei Henrique II). Apesar do começo entusiasmado, a tentativa de colonização da França foi perdendo engajamento quando começaram a surgir as primeiras adversidades, infortúnios que aumentariam, e que com o passar do tempo, cominariam no fracasso da empreitada colonial francesa na região.

De acordo com a com Léry, os primeiros impasses ocorreram na questão da exploração da mão-de-obra com que Villegagnon contava, e também com a exigência, por parte do vice-almirante, de que apenas mediante ao casamento os franceses pudessem se relacionar com as índias. Esses teriam sido os principais elementos que alimentaram a insatisfação dos subordinados de Villegagnon, o que gerou um

---

<sup>44</sup> Paul Gaffarel, Alexandre Belmonte e Andréa Daher são exemplos de autores que creem que Léry pertencia a burguesia.

<sup>45</sup> Tais informações biográficas foram extraídas da nota de Paul Gaffarel que compõe a edição do texto de Léry a qual trabalhamos. Cf. LÉRY, Jean. Viagem à terra do Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961.

<sup>46</sup> LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército 1961, p. 39.

significativo número de deserções, com muitos embarcando de volta para a França em navios comerciais e outros abandonando a empreitada francesa e indo viver com os indígenas, como, aliás, já faziam diversos europeus, em sua predominância normandos.<sup>47</sup>

Com a falta de contingente necessário para expandir e manter o empreendimento, o Marquês teria enviado um emissário à França solicitando auxílio para o rei Henrique II. É nessa circunstância que Jean de Léry afirma terem Calvino e Coligny recebido cartas de Villegagnon pedindo o envio de trabalhadores de diversas áreas, ministros e correligionários da religião reformada. É com essa perspectiva em mente que Léry e outros protestantes viajaram para o Brasil.

Chegando à Baía de Guanabara, com a intenção de participar de um projeto que incluía a difusão da religião protestante (que eles acreditavam serem professadas por Villegagnon), os calvinistas perceberam-se expostos a uma situação por eles inesperada. Apesar de uma generosa recepção, logo as divergências religiosas começaram a aparecer e os recém-chegados não demoraram a notar que o Marquês seguia os preceitos da religião católica, principalmente na ocasião da ceia, onde ele teria defendido a crença na transubstanciação.<sup>48</sup> Por conseguinte, Villegagnon é apontado como dúbio, pois, como Léry e os demais correligionários acreditavam, o vice-almirante teria renegado o catolicismo e se convertido a religião reformada. Sobre isso, Léry relatou que “em suma a dissimulação de Villegagnon se patenteou tão clara que não foi difícil verificar com que lenha se aquecia, como se diz vulgarmente.”<sup>49</sup> Os debates religiosos se tornaram cada vez mais frequentes e intensos, os calvinistas passaram a se recusar a trabalhar e depois de um tempo resolveram retornar a Europa, foram para a Suíça, já que na França a religião protestante estava proibida.<sup>50</sup>

Essa é a versão de Jean de Léry sobre os acontecidos na França Antártica. Apesar de não ser o nosso foco principal cremos que seja relevante mostrar a missão francesa sobre outra perspectiva, antes de nos aprofundarmos na análise dos relatos de Léry inter-relacionando a identidade religiosa e as narrativas de alteridade.

---

<sup>47</sup> Cf. LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército 1961.

<sup>48</sup> Constituída pela união das palavras de origem latina: trans (além) e substantia (substância), a palavra “transubstanciação” tem por significado a transformação do pão e do vinho em corpo e sangue de Jesus Cristo no ato da consagração. Esse ritual é adotado pelas Igrejas Católicas, Ortodoxa e Anglicana.

<sup>49</sup> LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército 1961, p. 80.

<sup>50</sup> MARIZ, Vasco; PROVENÇAL, Lucien. *Villegagnon e a França Antártica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p.122.

No livro *Villegagnon e a França Antártica*,<sup>51</sup> um estudo biográfico sobre Villegagnon, os autores Vasco Mariz e Lucien Provençal contam a trajetória de vida de seu biografado do início do século XVI até sua morte em 1572, destacando os conflitos religiosos que marcaram esse período história da França. A obra enfatiza, sobretudo, a aventura em terras brasileiras do vice-almirante e na discussão de seu significado. Tratando o Marquês de forma mais empática, os autores consideram que sua representação histórica tem sido feita de forma enviesada, influenciada pela perspectiva protestante criada por Léry em seu livro. Segundo os autores, o juízo negativo nele contido difundiu-se, incorporando-se a outras obras e renovando-se através do tempo.

Nascido em 1510, na cidade de Provins, Nicolas Durand de Villegagnon pertencia à pequena nobreza francesa. Teve excelente formação universitária em Paris e Orleans, pertencia a Ordem de Malta,<sup>52</sup> atuou em um primeiro momento como correio diplomático do rei Francisco (1494-1547), depois combateu na Itália, onde se especializou no manejo das armas até ser designado para acompanhar a esquadra do imperador Carlos V no ataque a Argel. Porém, Villegagnon ficou famoso na Europa pelo sequestro da futura rainha da Escócia, a menina Maria Stuart, a qual o rei francês Henrique II queria como noiva de seu filho menor; enquanto os ingleses protestantes ambicionavam a menina para rainha da Inglaterra, com o objetivo de incorporarem a Escócia católica. Assim, o Marquês ficou conhecido por ser um grande estrategista e um bom navegador, por seus trabalhos, foi reconhecido por diversos soberanos.

No que diz respeito a França Antártica, os autores argumentam que a iniciativa teria partido do próprio Villegagnon, porém, sua intenção surge em um contexto mais amplo.<sup>53</sup> Durante o final do século XV e a maior parte do século XVI, os europeus conquistaram e povoaram o novo continente. Eles buscaram fazer desse continente uma “nova” Europa: Nova Espanha, Nova Grã-Bretanha, Nova Orleans, Nova Amsterdã (Nova York) e etc. Portugueses e espanhóis colonizaram a América do Sul, e em 7 de junho de 1494 foi assinado pelo Papa Alexandre VI, o Tratado de Tordesilhas, que

---

<sup>51</sup> MARIZ, Vasco; PROVENÇAL, Lucien. *Villegagnon e a França Antártica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

<sup>52</sup> A Ordem de Malta ou Cavaleiros Hospitalários (oficialmente Ordem Soberana e Militar Hospitalária de São João de Jerusalém, de Rodes e de Malta) é uma organização internacional católica que começou como uma ordem beneditina fundada no século XI.

<sup>53</sup> MARIZ, Vasco; PROVENÇAL, Lucien. *Villegagnon e a França Antártica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

separava por um meridiano o domínio dessas duas nações, a leste da ilha de Cabo Verde o domínio seria dos portugueses e a oeste seria dos espanhóis.<sup>54</sup>

A França jamais reconheceu a divisão do mundo pelo Papa. O rei Francisco chegou a fazer a seguinte pergunta: “Onde estava, afinal, o testamento no qual o Pai Adão legara o mundo às Coroas portuguesa e espanhola?”<sup>55</sup> O rei da França ainda declarou a política de *mare liberum*.<sup>56</sup> Dentro da corte francesa, no início do século XVI, após algumas viagens bem-sucedidas de navegadores franceses ao Brasil, havia vários defensores de uma ofensiva militar às Américas. Foi então, que o Cavaleiro de Malta Villegagnon, apoiado por André Thévet (1502-1590), teve a atitude de fazer uma expedição ao Brasil para fundar, finalmente, aquela que ficaria conhecida através da história como França Antártica.

A expedição foi aprovada no final de 1554 pelo rei Henrique II (1519-1559), que ordenou a Coligny, seu principal ministro, que providenciasse os preparativos. Villegagnon, chefe da expedição, vinha com a ambição de expulsar os portugueses do Brasil e aqui instalar núcleos colonizadores para comerciar com a metrópole, e queria, também, interferir no comércio com as Índias, que era altamente lucrativo.

Ainda sobre as razões que levaram Villegagnon a empreender uma tentativa de colonização francesa na Baía de Guanabara, em seu livro *Singularidades da França Antártica*, o cosmógrafo franciscano André Thévet afirma:

A principal causa de minha viagem às Índias Americanas deve-se ao seguinte fato: o generoso Senhor de Villegagnon, Cavaleiro de Malta, homem tão consumado quanto é possível sê-lo em assuntos da marinha e em outras virtudes, assim que recebeu, após madura deliberação, as ordens reais, solicitou-me insistentemente auxílio para a execução de sua empresa, estando, para isso, autorizado pelo rei.<sup>57</sup>

A partir da premissa de que Thévet dedica sua crônica ao rei Henrique II, de quem ele recebeu instruções para acompanhar o vice-almirante, nos parece razoável acreditar que descreveu os acontecimentos que participou.

Outro indício que aponta para uma compreensão da expedição francesa de forma

---

<sup>54</sup> Cf. LE GOFF, Jacques. Uma breve história da Europa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p.82.

<sup>55</sup> TAVAREZ, Fabiano Luiz de Freitas. Conflitos da França Antártica: Franceses se instalaram na Guanabara em 1555, mas diferenças religiosas enfraqueceram a empreitada. In 49ª edição Revista de História da Biblioteca Nacional. Outubro 2009, p. 45.

<sup>56</sup> Expressão latina que significava liberdade de navegação nos mares.

<sup>57</sup> THÉVET, André. *Singularidades da França Antártica*. Editora Nacional, Rio de Janeiro, 1944. p. 50.

discordante ao que relatava Léry, em dimensões político-econ micas,   que, ainda no verão de 1554, Villegagnon teria feito uma viagem pela região de Cabo Frio.

A prepara o da viagem exploratória de Villegagnon ao Brasil foi discret ssima, e lhe foi dado um carater nitidamente comercial. Aliás, não se sabe se viajou com um ou dois navios apenas, mas foi direto a Cabo frio, local de escala frequente de outros navegadores franceses. Os  ndios tamoios o receberam muito bem e ele tratou de informar-se sobre os hábitos dos portugueses e os portos mais abrigados da região, a fim de escolher o local mais apropriado para instalar a França Antártica.<sup>58</sup>

Acreditamos que seja mais provável pressupor que a expedi o francesa, no contexto em que se empe ou (expansão político-econ mica dos estados nacionais europeus), sob a liderança de um relevante diplomata e militar, ter sido consequência de interesses econ micos e políticos e não fundamentalmente religioso, como alegava Jean de Léry e seus correligionários. Além disto, é pouco provável que uma pessoa oriunda de uma família católica, que servia a soberanos, têm, católicos e que participava de uma ordem religiosa, incontestavelmente, católica, possa ter iniciado uma empreitada por razões da religião protestante. Então, por que os calvinistas, em destaque Léry, acusaram Villegagnon de duplicidade? Observemos, primeiro, os motivos que fizeram com que o Cavaleiro de Malta pedisse auxílio para a sua empreitada.

Para Mariz e Provençal um dos motivos seria a:

[...] péssima qualidade do elemento humano que pôde arregimentar na França, muitos deles, retirados das prisões do norte do país. Embora alguns fossem hábeis artesãos ou operários eficientes, eram indisciplinados, indolentes e de mau caráter. Muitos vieram para Guanabara para livrar-se das prisões ou dos gal s, ou até mesmo da pena de morte. Enfim, gente de péssimos antecedentes, com raríssimas exce es.<sup>59</sup>

A grande quantidade de enfermos têm colaborou para a redu o da mão-de-obra. A subnutri o causada pela viagem, a drástica mudança climática e as precárias condi es sanitárias contribuíram para um grande número de enfermidades, o próprio André Thévet relata que adoeceu seriamente e pediu para regressar a França apenas três meses após sua chegada ao Brasil.

Outra dificuldade, apesar do bom relacionamento com o cacique Cunhambebe,

---

<sup>58</sup> MARIZ, Vasco; PROVENÇAL, Lucien. *Villegagnon e a França Antártica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p.77.

<sup>59</sup> MARIZ, PROVENÇAL. *Villegagnon e a França Antártica...* p.91.

era convencer os Tupinambás a continuar a trabalhar, “pois muitos dos índios se cansaram do tipo de presentes que recebiam e se queixavam do excesso de trabalho, já que os franceses se eximiam de funções mais pesadas.”<sup>60</sup> Outro elemento, teria sido a incomplacência do vice-almirante para com as práticas antropofágicas de seus aliados indígenas. Um dos motivos, também referido pelos calvinistas, era de ordem sexual:

Os seus seiscentos tripulantes, quase todos jovens, após vários meses no mar, atiraram-se às índias desnudas, com a complacência de Cunhambebe e de seus maridos e pais, que recebiam presentinhos como compensação pelos favores concedidos pelas moças. Aí Villegagnon reagiu mal: em vez de estabelecer algumas limitações a esse comércio amoroso ou até de a ele fechar os olhos, decidiu exigir o casamento dos franceses com as índias, perante o notário de expedição.<sup>61</sup>

Todos esses elementos minaram as estruturas que sustentariam a manutenção e o crescimento do projeto da França Antártica. Neste contexto, é que o vice-almirante enviou um emissário à sua terra natal com cartas para o rei e para alguns nobres. O tesouro francês não possuía tamanho suficiente para a subvenção que Villegagnon precisava, todavia, entre os nobres que receberam as solicitações estava Gaspar de Coligny, mas que naquele momento já teria se convertido a religião reformada. Consideramos:

Nesse íterim, complicava-se a conjuntura religiosa na França. Os protestantes, ditos huguenotes, sofriam crescentes atos de discriminação e até perseguições ordenadas pelo rei católico. Nessa altura Coligny convertera-se à Reforma e começou a pensar a França Antártica como um possível refúgio para os franceses huguenotes. Calvino divulgou a notícia de que Villegagnon lhe escrevera pedindo auxílio financeiro urgente de colonos protestantes, mas isso nunca ficou comprovado. É até concebível que o almirante, em desespero de causa, e apesar de ser católico fervoroso, tenha feito tal pedido a Calvino em uma possível segunda carta da Guanabara, que nunca foi encontrada. Tal hipótese não parece ter fundamento, pois nenhum historiador português ou jesuíta jamais acusou Villegagnon de tentar instalar uma colônia calvinista no Rio de Janeiro. Tudo indica, portanto, que a iniciativa foi exclusivamente do ministro Coligny.<sup>62</sup>

Considerando relevantes as considerações de Mariz e Provençal, podemos conceber que Villegagnon, provavelmente, nunca foi adepto a ideia de transformar a

---

<sup>60</sup> MARIZ, PROVENÇAL. *Villegagnon e a França Antártica...* p. 92.

<sup>61</sup> MARIZ, PROVENÇAL. *Villegagnon e a França Antártica...* p. 92.

<sup>62</sup> MARIZ, PROVENÇAL. *Villegagnon e a França Antártica...*p.96-97.

França Antártica em um refúgio dos calvinistas e muitos menos teria se convertido ao protestantismo. Os motivos que Léry imputou à expedição do vice-almirante, consistiriam de fato, a um projeto e discurso criados por Coligny e reverberados por Calvino, para atender a seus próprios interesses.

Este debate nos proporciona uma melhor contextualização da representação de Jean de Léry sobre Villegagnon e sobre a tentativa de colonização francesa na Guanabara; um discurso orientado por sua identidade calvinista. Ademais, podemos, por meio de nosso debate, refletir sobre a suposta duplicidade e dissimulação que Léry confere ao Marquês seria efeito de uma “falta de comunicação”, que fez com que as ações de Villegagnon fossem interpretadas como componentes de uma dubiedade ou traição, como também, esta crítica de Léry a Villegagnon seria um reflexo das disputas religiosas que aconteciam na Europa durante aquele período. No decorrer de nossa pesquisa voltaremos a abordar esta questão.

Coloquemos neste momento um pouco à parte o debate sobre a França Antártica e sobre a figura de Villegagnon e retornemos a vereda do nosso cronista. Após as desavenças com o vice-almirante e de conviver com indígenas, Léry retornou para a Europa, em 1558, com o propósito de completar seus estudos; em 1560, foi nomeado ministro calvinista, sendo enviado para região de Lyon para exercer seu novo ofício.<sup>63</sup> No ano de 1562, Catarina de Medicis (então regente de seu filho Carlos IX) determinou, através do Edito de Saint-Germain, que os adeptos da religião reformada teriam o direito à prática legal de seu culto, decisão que causou um enorme descontentamento entre os católicos, que em retaliação, no dia 1º de março do mesmo ano, cometeram um massacre aos protestantes na cidade de Vassy, este foi o primeiro de oito guerras (que ocorreram em um espaço de trinta e seis anos).<sup>64</sup> No turbulento ano de 1562, segundo Gaffarel, se perdem as referências sobre Jean de Léry.

Iremos encontrá-lo de novo apenas no ano seguinte, 1563, quando Léry retorna de Genebra após o Tratado de Paz de Amboise.<sup>65</sup> É neste ano que Léry, afirma pela

---

<sup>63</sup> LÉRY, Jean. *Viagem à terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961. p.12.

<sup>64</sup> No massacre em Vassy foram mortos setenta e quatro protestantes e teve como desdobramento diversas batalhas “em Dreux e Rouen (1562), Jarnac (1569). Coutras (1587) e Ivry (1590)”. Ver: MARIZ, Vasco, PROVENÇAL, Lucien. *Villegagnon e a França Antártica*. 2005.

<sup>65</sup> O tratado de paz de Amboise, também conhecido como Edito de Pacificação, foi assinado no Castelo de Amboise em 19 de março de 1563 por Catarina de Médici, atuando como regente de seu filho Carlos IX de França. O tratado terminou oficialmente a primeira fase das Guerras Religiosas Francesas. Além disso, o tratado de paz restaurou a França, garantindo aos huguenotes privilégios religiosos e liberdades.

primeira vez ter escrito suas narrativas, no entanto, por circunstâncias adversas, ele confessa ter perdido o original. A primeira edição de seu livro é publicada em 1578, porém, entre a primeira sistematização de suas memórias em forma de texto e a sua impressão, ocorre o massacre da Noite de São Bartolomeu (23 de agosto de 1572): um ataque ostensivo dos católicos sobre a égide da coroa francesa contra os reformados que se espalhou de Paris para diversas cidades.<sup>66</sup>

Nesta época, Jean de Léry, encontrava-se em La Charité e fugiu com outros calvinistas para a cidade de Sancerre, a qual foi cercada e Léry conviveu com a fome, violência e até antropofagia.<sup>67</sup> Em seguida, nosso cronista voltou para Genebra e sob a proteção de Francisco de Coligny, filho do almirante Gaspar de Coligny<sup>68</sup> supervisionou a impressão das inúmeras edições e traduções de seu livro. Jean de Léry, depois seguiu para a cidade de Berna, na Suíça, onde viveu até o seu falecimento em 1611.<sup>69</sup>

Antes de encerrarmos este resumo biográfico,<sup>70</sup> cremos que seja relevante abordaremos alguns aspectos sobre a memória. Na obra *Como Conhecemos o Passado*, David Lowenthal afirma que “(...) a memória corrobora a identidade pessoal”<sup>71</sup>, e para sustentar esta afirmação, o autor, estabeleceu as noções de “Atualização” e “Ressignificação” das lembranças:

As lembranças também se alteram quando revistas. Ao contrário do estereótipo do passado lembrado como imutavelmente fixo, recordações são maleáveis e flexíveis; aquilo que parece haver acontecido passa por contínua mudança. Quando recordamos, ampliamos determinados acontecimentos e então os reinterpretemos à luz da experiência subsequente e da necessidade presente.<sup>72</sup>

---

Ver: BARROS, Alberto Ribeiro Gonçalves de. *O direito de resistência na França renascentista*. In: *Kriterion*, Belo Horizonte, nº 113, junho/2006. p. 102/103.

<sup>66</sup> A noite de São Bartolomeu foi um massacre ordenado pela regente Catarina de Médicis, foram assassinados trinta protestantes, entre os quais, o ex-primeiro ministro Gaspar de Coligny, atirado, assim como tantos outros, no rio Sena. Ver: MARIZ, Vasco, PROVENÇAL, Lucien. *Villegagnon e a França Antártica*. 2005.p.73.

<sup>67</sup> LÉRY, Jean. *Viagem à terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961. p.12.

<sup>68</sup> Francisco de Coligny, filho do almirante Gaspar de Coligny, nascido a 28 de abril de 1557 e falecido em 1591.

<sup>69</sup> LÉRY, Jean. *Viagem à terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961. p.15.

<sup>70</sup> Tais informações biográficas foram extraídas da nota de Paul Gaffarel que compõe a edição do texto de Léry a qual trabalhamos. Cf. LÉRY, Jean. *Viagem à terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961

<sup>71</sup> LOWENTHAL, David. *Como Conhecemos o Passado*. Proj. História, São Paulo (17). ed. Nov.1998. p.95.

<sup>72</sup> LOWENTHAL. *Como Conhecemos o Passado*...p.138.



Ao final deste conciso resumo biográfico, devemos ter um entendimento essencial: Léry escreveu sua crônica imerso em um contexto de intensas guerras civis religiosas que afligiram a Europa, no século XVI, com destaque para a França, e que a sua narrativa foi escrita e publicada com um pano de fundo que não era o da Baía de Guanabara, mas um ambiente de batalhas sangrentas e disputas no campo do discurso religioso. Do pensamento do presente, emergiu uma nova representação do passado, “da mesma forma que o pensamento do presente molda o passado conhecido, a percepção do passado inunda o presente”.<sup>73</sup>

As disputas religiosas marcaram tanto o discurso, que logo no prefácio de seu livro, Léry se referiu a Thévet como “refinado mentiroso e um imprudente caluniador”.<sup>74</sup> Além do prefácio, percebemos essa contraposição de Léry a Thévet e aos católicos ao longo de toda a narrativa de sua crônica. Para caracterizar melhor a contraposição de Léry a Thévet e a diferença entre esses dois relatos analisaremos, primeiramente, a questão da antropofagia. André Thévet repudiava o ato canibal de forma tão intensa ao ponto de questionar um indígena sobre essa questão e obteve a seguinte resposta, nas palavras do próprio Thévet:

Replicam os índios, quando se lhes censuram essa crueldade, ser uma vergonha perdoar os inimigos, aprisionados em combate; demais, era preferível destruir os contrários, a fim de evitar que os mesmos incitassem novas guerras. Eis como se porta essa gente brutal.<sup>75</sup>

Em outra passagem ele argumenta que “(...) A história não fala de nenhum povo, por mais bárbaro, que use de tão excessiva ferocidade”<sup>76</sup>

Léry também considerava o canibalismo uma crueldade e afirmava que “(...) essa gente tem arraigado no coração o sentimento de vingança”.<sup>77</sup> E ao encontrar franceses católicos participando de banquetes antropofágicos, afirmou que esses europeus teriam se adaptado “aos costumes bestiais dos selvagens”.<sup>78</sup> E ainda eram piores que os nativos, porque se gabavam de ter matado e comido seus inimigos. Jean de Léry também repudiava ver como esses franceses “se poluíam em toda sorte de

---

<sup>73</sup> LOWENTHAL. *Como Conhecemos o Passado*. P.143.

<sup>74</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...*, p. 22.

<sup>75</sup> THÉVET, André. *Singularidades da França Antártica*. São Paulo/Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 246.

<sup>76</sup> THÉVET. *Singularidades da França Antártica...* .p.245.

<sup>77</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p. 152.

<sup>78</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.159.

impudícias com as mulheres selvagens.”<sup>79</sup>

Em outra passagem, Léry comparou a antropofagia com a perseguição religiosa que acontecia na França:

Poderia aduzir outros exemplos de crueldade dos selvagens para com seus inimigos, mas creio que o que disse já basta para arrepiar os cabelos de horror. É útil, entretanto, que ao ler semelhantes barbaridades, não se esqueçam os leitores do que se pratica entre nós (...). Não abominemos, portanto, demasiado a crueldade dos selvagens antropófagos. Existem entre nós criaturas tão abomináveis, se não mais, e mais detestáveis do que aqueles que só investem contra nações inimigas de que têm vingança a tomar. Não é preciso ir à América, nem mesmo sair do nosso país, para ver coisas tão monstruosas.<sup>80</sup>

Podemos observar que Thévet e Léry recriminaram a antropofagia, mas que esse último utilizou-se da comparação entre indígenas e europeus como um argumento retórico para criticar os católicos. A contraposição não estava presente somente nos relatos sobre a antropofagia tupinambá. Jean de Léry relatou que em certa ocasião estava com mais dois franceses perdidos por dois dias e duas noites até finalmente chegarem a uma aldeia chamada Panô e serem acolhidos pelos índios, ele então fez elogios à hospitalidade indígena ao mesmo tempo em que teceu críticas aos europeus católicos:

Vendo-nos horrivelmente arranhados de espinhos demonstraram-nos grande compaixão, bem diferentes entre esses pretensos bárbaros a piedade formalística usada entre nós pelos que, para consolação dos aflitos, têm apenas palavras vãs. Trouxeram-nos água fresca e começaram (o que nos lembrou os costumes dos antigos) por lavar-nos os pés e as pernas.<sup>81</sup>

*Viagem à terra do Brasil* pode ser analisado como um livro com caráter apologético, construído a partir de uma visão de mundo baseada em características da identidade calvinista, a narrativa de Léry refletia, assim, a representação de mundo em que o autor estava inserido.

Neste sentido, nesta primeira seção buscamos não apenas de apresentar Léry e o contexto a qual estava imerso, mas igualmente, delinear um dos aspectos fundamentais de nossa pesquisa; atentando para a questão de que a identidade calvinista do nosso cronista e sua colocação em meio a disputas religiosas da Cristandade Europeia do

---

<sup>79</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.159-160.

<sup>80</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* 161.

<sup>81</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.191.

século XVI são elementos básicos para que compreendamos a construção de sua representação do “outro”.

## 2.2 Uma perspectiva sobre a crônica de Léry

Nesta seção, desenvolveremos uma discussão sobre como o nosso cronista é frequentemente tomado pela historiografia e pela antropologia. Nosso intuito é debater a existência de uma determinada forma de abordagem da narrativa de Léry, que sistematicamente condiciona a sua leitura, que a limita em seus termos, um modelo de interpretação que, como veremos, tem íntima ligação e influência da antropologia que se construiu enquanto um campo científico.

Para François Laplantine, a Antropologia ganhou legitimidade na esfera das outras disciplinas científicas na segunda metade do século XIX, e esta legitimidade se reafirmava conforme ela conferia para si elementos empíricos autônomos, a enxergar, as sociedades, até então, consideradas “primitivas”, isto é, exteriores à “civilização” europeia ou norte-americana.<sup>82</sup>

Esta informação é de fundamental relevância, pois, é exatamente na segunda metade do século XIX que a crônica de Léry começa a ser redescoberta e reeditada.<sup>83</sup> Seu livro será, diante disto, tomado pela influência dessa antropologia emergente que conferiu a si elementos específicos. E no contexto em que a ciência social, de maneira geral, tinha caráter positivista,<sup>84</sup> acreditava-se na objetividade, a antropologia definiu como seu objeto de estudo as sociedades consideradas “primitivas”, nesta perspectiva, Léry é tratado como um pioneiro das reflexões que caracterizam esta disciplina. Não por acaso, o primeiro capítulo do livro de Laplantine, onde Jean de Léry figura, tem como título: *A pré-história da antropologia*.

No percorrer de seu processo de estabelecimento, os pensadores da disciplina antropológica reivindicaram uma história, e essa construção do campo científico buscou seus alicerces no período das “descobertas do Novo Mundo”, no qual, segundo este discurso, a Antropologia, ainda que de forma incipiente, teria iniciado seu processo de elaboração. Dispomos, então, de um tipo de “mito fundador” do pensamento

---

<sup>82</sup> LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2007.p.14.

<sup>83</sup> A questão sobre as reedições da crônica de Léry trataremos no capítulo posterior.

<sup>84</sup> O positivismo foi uma corrente filosófica que nasceu na França no século XIX e que tinha como base a ideia de progresso contínuo da humanidade. Pode-se dizer que o seu fundador foi Auguste Comte (1798 – 1857).

antropológico, do qual Léry seria parte fundamental.

Em um artigo intitulado *Imaginária França Antártica*, Monique Augras aborda essa questão da seguinte forma:

Na atual reavaliação dos propósitos e da epistemologia da antropologia moderna, os autores franceses estão concordes e consideram as primeiras narrativas de Viagem ao Novo Mundo como mito fundador de sua ciência.<sup>85</sup>

E ao se referir a Thévet e Léry a autora também afirma:

Ao dar conta das novidades, das coisas jamais vistas nem ouvidas, desenham um mundo ao mesmo tempo absurdo e sedutor e acabam criando uma personagem que terá grande êxito no palco do pensamento ocidental: o Bom Selvagem. Nesse sentido a par de fornecerem preciosas informações etnográficas esses autores situam-se claramente como indicadores de ampla vertente do pensamento antropológico.<sup>86</sup>

Tomemos, do mesmo modo, o artigo *Alegres Trópicos* da autora Leyla Perrone Moisés. Citando Léry, argumenta: “O que particulariza a descrição de Léry são seus comentários, reveladores de uma notável abertura para a alteridade e diferença”<sup>87</sup>. Destacamos, ainda, a referência que Leyla faz ao mais célebre antropólogo do século XX:

Claude Lévi-Strauss, munido do livro de Léry que ele qualifica de “breviário do etnólogo”, veio em busca desse Brasil originário. Com a mesma atenção e a mesma abertura de seu longínquo antecessor, Lévi-Strauss descreveu a terra e as gentes. Entretanto, estes eram agora os “tristes trópicos”.<sup>88</sup>

Essa perspectiva da obra de Léry não está presente apenas nas abordagens antropológicas, de maneiras diferentes, alguns trabalhos historiográficos refletem essa compreensão dos relatos do cronista francês. Em sua dissertação intitulada *A construção do outro e do si-mesmo: vínculos de identidade e alteridade no relato de Jean de Léry*, Alexandre Belmonte, escreve:

Léry é também uma espécie de tradutor que dá espaço e acolhe o mundo do outro, que compreende, ou acredita compreender, os signos

---

<sup>85</sup> AUGRAS, Monique. *Imaginária França Antártica*, In: PIZARRO, Ana. *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Campinas: Unicamp, 1994. p.20.

<sup>86</sup> Idem. p.21.

<sup>87</sup> MOÍSES, Leyla Perrone. *Alegres Trópicos: Gonneville, Thévet e Léry*. Revista da USP. São Paulo (30): junho/agosto.1996 (Brasil dos Viajantes;7). p.87.

<sup>88</sup> MOÍSES, Leyla Perrone. *Alegres Trópicos...* p.91.

que traduz. As diferenças entre as culturas são, afinal, bastante tênues, e uma tradução dá conta do trânsito entre elas.<sup>89</sup>

Essa perspectiva “pré-antropológica” fica ainda mais evidente em outro trecho da dissertação de Belmonte:

É o sonho de um início, de um novo começo, livre das mazelas que assolavam os governos e o clero por toda a Europa, livre de vícios, aberto à observação e à interação com a Natureza – que é sempre uma Natureza divina. Léry é, finalmente, conquistado pelos selvagens, carrega sua melodia nos ouvidos, suas cores; carrega o espanto e a abertura ao outro, e busca escrevê-lo, reescrevê-lo, na tentativa de ainda sentir-se par-delà.<sup>90</sup>

No artigo *A construção da alteridade em Viagem à Terra do Brasil*, Marta Yumi Ando, afirma existir um “precoce espírito científico” na escrita de Léry:

Comparado a autores de documentos similares do mesmo período, Léry se destaca como um homem bem à frente de seu tempo, em virtude de seu precoce espírito científico que o aproxima dos etnólogos do século XX. Em muitos momentos, o autor relativiza costumes tupinambás que seriam prontamente condenados por seus contemporâneos e, provavelmente, um dos costumes que melhor exemplifica isso é o da antropofagia: se os ocidentais contemporâneos a Léry viam essa prática com imenso horror, Léry, ao contrário, não a concebia como sinônimo de barbárie, mas como uma prática ritualística inserida em uma organização sócio-cultural e diretamente relacionada a valores como honra, valentia e vingança, não se restringindo, por conseguinte, ao simples ato físico de comer.<sup>91</sup>

A historiadora Vera Beatriz Siqueira, compondo uma correlação entre escrita e imagem, realça a busca pela objetividade nos relatos de Léry e argumenta que “é certo que, para o escritor do século XVI, não se tratava de sobre-realidade, e sim do registro fiel (ou o mais fiel possível) do que era visto.”<sup>92</sup>

Christian Brially Tavares de Medeiros, fazendo uma leitura das representações imagética do livro de Jean de Léry, diz:

Via de regra, as descrições de europeus quanto aos habitantes da

---

<sup>89</sup> BELMONTE, Alexandre. *A construção do outro e do si-mesmo: vínculos de identidade e alteridade no relato de Jean de Léry*. Rio De Janeiro. UERJ. 2006. p.94.

<sup>90</sup> Idem.p.91.

<sup>91</sup> ANDO, Marta Yumi. *A construção da alteridade em Viagem à Terra do Brasil*. In: UNILETRAS. n26, dezembro. 2004. p.115.

<sup>92</sup> SIQUEIRA, Vera Beatriz. *Jean de Léry e Paul Claudel: entre dois mundos*. In BERBARA, Maria; MENEZES, Renato; HUE, Sheila (org.). *França Antártica: ensaios interdisciplinares*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2020. p.274.

nova terra, eram clara evidência de uma suposta pretensão de superioridade racial, pelo menos na visão deturpada daqueles provenientes do Velho Mundo. Jean de Léry mostra uma compreensão diferente de seus concidadãos da Europa, não enxerga o índio como um animal a ser subjugado, dominado e domesticado, também não vê a terra como um produto a ser depredado pela pernicioso motivação mercantilista.<sup>93</sup>

Outro exemplo que podemos utilizar é o trabalho de Ronald Raminelli, o autor afirma que:

Ao contrário dos detratores da natureza humana ameríndia, o francês Jean de Léry concebeu os tupinambás como o elo perdido entre o homem civilizado e a natureza. O calvinista francês e habitante da França Antártica é um exemplo curioso de analista dedicado a compreender o universo dos povos indígenas radicados na Baía da Guanabara.<sup>94</sup>

Vale salientar, que estes exemplos estão retirados de seus contextos, e a análise desses historiadores é muito mais complexa e prosseguem em outras direções, porém, apontam para um certo alinhamento dos trabalhos historiográficos com esta perspectiva antropológica do século XIX, principalmente, quando valem-se de trechos da crônica de Léry para se remeterem a representação dos indígenas.

Estas referências e menções nos parecem suficientes para fundamentar nossa inferência: Na conjuntura da segunda metade do século XIX, as ciências sociais se declaravam como objetivas, a antropologia se estabelece como um campo científico autônomo ao passo que concebe como objeto específico de seu saber o estudo das sociedades denominadas “primitivas”. Com esse entendimento, a disciplina antropológica reivindica uma história, neste contexto, o livro de Léry, junto com outros textos, foi reeditado e interpretado, como componente precursor do pensamento antropológico, e, partindo desta lógica são realçadas as características de objetividade, descrição etnográfica e relatos de tom elogioso aos indígenas. Esta perspectiva acaba repercutindo até a contemporaneidade, inclusive, em pesquisas historiográficas.

Todavia, não podemos determinar que esta forma de interpretar crônica de Léry seja uma releitura inventada dos antropólogos que, na necessidade de dar legitimidade a

---

<sup>93</sup> MEDEIROS, Christian Brially Tavares de. *As representações imagéticas do relato de viagem de Jean de Léry: Uma contribuição calvinista à temática indígena*. In: Educação, escola & sociedade. V.14 N.16. 2021. p.15.

<sup>94</sup> RAMINELLI, Ronald. *Imagens da Colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1996. p. 46.

sua disciplina, criaram fundadores e projetaram seus interesses sobre os relatos de nosso aventureiro calvinista. Situamos esta interpretação da obra de Léry a partir dos objetivos de uma antropologia que estava em processo de estabelecimento como disciplina autônoma, unicamente, com a intenção de atentar para que esta perspectiva sobre a crônica de Jean de Léry pode ser desnaturalizada, que as características atribuídas aos seus relatos são condicionadas por um contexto específico.

Não estamos negando que Léry tenha um olhar peculiar em comparação a outras narrativas de seus contemporâneos. A questão é evitar pensa-lo a partir de uma perspectiva que o coloca como precursor de ideias que só serão sistematizadas em um campo que se apresenta como disciplina autônoma apenas três séculos depois. Conceber Jean de Léry como um “pré-antropólogo” é cometer um anacronismo, além de, certa maneira, autorizar sua representação dos indígenas, que como almejamos demonstrar, não é expressão imaculada dos indígenas do século XVI. Analisa-lo a partir da perspectiva de um “mito fundador” do pensamento antropológico desloca-o do contexto que ele estava inserido, desloca-o de sua identidade de europeu, francês e calvinista, que viveu durante o período do renascimento,<sup>95</sup> seria desconsiderar que todo documento é sempre portador de um discurso e que não pode ser visto como algo que reproduz fielmente a realidade. Seguindo a trama discursiva pretendemos chegar à historicidade do texto assim concebida, pretendemos, também, alcançar o que o autor disse, o que queria transmitir e para isso iremos toma-lo como um homem de seu tempo e pensar o texto a partir da conjuntura que estava posta.

---

<sup>95</sup> Renascimento é um termo usados para identificar o período da história da Europa aproximadamente entre meados do século XIV e o fim do século XV.

## Capítulo III – As margens que dizem muito

### 3.1 Notas que produzem sentido

Em seus estudos sobre a história do livro, Roger Chartier aborda tópicos que devem ser considerados ao analisarmos uma obra bibliográfica; que podem ser desde as referências e comentários, passando pelas relações entre o texto e a iconografia, até o formato e encadernação do livro. Esses aspectos são, segundo Chartier, pontos que condicionam a apropriação de uma obra bibliográfica por determinada sociedade e cultura.<sup>96</sup>

Optamos por utilizar a obra *Viagem à terra do Brasil*, de Jean de Léry, em seu texto traduzido por Sérgio Milliet e editado pela Biblioteca do Exército, lançado em 1961, reedição brasileira, baseada em uma reedição francesa do século XIX de Paul Gaffarel,<sup>97</sup> (da qual as edições brasileiras, a que tivemos contato, foram baseadas), esta edição, por sua vez é calcada na, já referida, segunda edição da obra do ano de 1580 e impressa em Genebra. Fizemos essa escolha por ser uma edição que incorpora notas e referências de vários períodos, o que nos possibilitou analisar o texto por suas diversas apropriações, tomando-o como um conjunto amplo de significados. Neste sentido, nossos estudos apenas assumem novas dimensões e perceptivas

Temos, então, a possibilidade de observar a montagem das evidências a que aludimos ao processo que Eni Orlandi conceitua como “ideologia”:

Não se trata, pois, como procuramos mostrar, de “ocultação” e de “engano”, mas de um desconhecimento de sentidos, desconhecimento esse produzido por processos (históricos) discursivos cuja materialidade (linguística) pudemos observar e discernir. Ou seja, podemos compreender a ideologia como o fato de que os sentidos são fixados historicamente em uma *direção determinada*. Até as margens dos textos (suas notas) contribuem para isso.<sup>98</sup>

Partindo das ideias de Orlandi e Chartier, neste capítulo, buscamos abordar pontos que, em geral, costumam ser pouco contemplados, mas que podem ser relevantes

---

<sup>96</sup> Os trabalhos de Chartier aos quais fazemos referência são: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (org.); *História da Leitura no Mundo Ocidental*; CHARTIER, Roger. *Cultura Escrita, Literatura e História* e CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros: Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa Entre os Séculos XIV e XVIII*.

<sup>97</sup> Paul Gaffarel foi um historiador francês do século XIX, especialista no Brasil do século XVI, biógrafo de Jean de Léry e professor da Faculdade de Letras de Dijon.

<sup>98</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. *Terra à Vista! Discurso de confronto: Velho e Novo Mundo*. Campinas: Editora Unicamp, 2008. p.117.



na compreensão dos processos significativos das diferentes reimpressões. Referimo-nos às introduções, prefácios e notas, que normalmente são vistos como simples acessórios dos textos, porém, na prática, são aspectos que interferem na leitura, limitando-a e interpretando-a conforme suas posições.

Antes de começarmos nossa análise das “margens que dizem muito” é primordial marcar uma distinção fundamental. O historiador Diego Souza de Paiva<sup>99</sup> dividiu a edição que utilizamos em nossa pesquisa (editada pela Biblioteca do Exército, lançado em 1961), em três categorias de margens: A primeira categoria corresponde a uma pequena introdução (cujo o autor desconhecemos) e a nota do tradutor, Sérgio Milliet (1898-1966), escrita no século XX; a segunda categoria podemos compreender a nota bibliográfica de Paul Gaffarel (1843-1920), escrita no século XIX; e a última categoria se refere a dedicatória e ao prefácio do próprio Jean de Léry (século XVI).

A primeira categoria permite atingirmos a compreensão de como o texto de Léry é apresentado, ou de como é direcionado por uma narrativa que se coloca como uma mera apresentação. A partir da segunda categoria temos a possibilidade de conceber a imagem de um público leitor. A terceira categoria se propõe a ser um tipo de roteiro de leitura, conforme nos apresenta elementos da construção da crônica: Jean de Léry, expõe as motivações que o levaram a embarcar para as terras do Brasil, e a escrever e publicar seu livro, assim, acaba por nos revelar aquela que, acreditamos, seja a principal chave identificar os elementos discursivos que sustentaram a construção da representação dos indígenas, de Villegagnon, de Thévet e da França Antártica; sua posição de religioso reformado do século XVI e, por conseguinte, sua contraposição aos católicos.

Voltemos a recorrer aos escritos de Eni Orlandi, em seu livro *Terra à Vista! Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*, a autora tem como um de seus objetos de estudo os textos de missionários e viajantes franceses do século XVI e XVII e suas reedições, principalmente as produzidas no século XIX, nas quais Gaffarel tem destaque. Debatendo sobre o que ela denominou de “aparelho crítico”, Orlandi, argumenta que:

Com os prefácios e as notas, os autores visam conter o texto nos limites, procuram não deixar que ele signifique além certos limites, e

---

<sup>99</sup> Cf. PAIVA, Diego Souza de. *Um Espelho em Construção: O índio na crônica de Jean de Léry*. Sebo Vermelho, 2008.

apagar as transformações de sentido trazidas pelo fato de que, na sua materialidade, eles são objetos integralmente históricos (e linguísticos). Procuram impedir que o sentido trabalhe sua historicidade.<sup>100</sup>

Dessa maneira, as margens seriam tomadas como significativos na medida em que orientam e mesmo terminam a leitura desses textos.

Eni Orlandi chama a atenção para o fato de que maior ponto em comum que se apresenta no “aparelho crítico” das reedições do século XIX, seria a ênfase no valor “documental” dos textos e, especialmente, nos textos de Thévet e Léry, o seu valor informativo.<sup>101</sup> Permeados pelo contexto cientificista e positivista do século XIX, o livro de Léry é reimpresso e reinterpretado como um “documento” que reproduzisse exatamente a realidade do século XVI. Tendo claras essas premissas, podemos, enfim, nos dedicar a primeira categoria de margens do livro em questão: a introdução.

### 3.2 Introdução e notas do tradutor

Na introdução que inicia o livro - cuja autoria nós desconhecemos, já que não conseguimos identificar a quem se refere as iniciais R. B. de M. – desde logo aparecem itens significativos de um discurso que, a seu modo toma o texto como documento, constitui uma interpretação e, à medida em que se coloca como apresentação, direciona e o limita de acordo com e seus parâmetros. Após atentar para o significativo sucesso editorial da obra de Léry em sua época, traduzida para alemão, holandês, latim e outras línguas do continente europeu. O autor das iniciais as que nos referimos anteriormente, salienta que:

Embora o livro de Jean de Léry tenha sido, mais que qualquer outro de sua época, traduzido e reeditado, não há dúvida que fazia falta uma boa edição brasileira cuidadosamente feita e comentada. De fato, Léry tem um valor excepcional como documento histórico, etnográfico e até musical.<sup>102</sup>

E ao comentar sobre a pertinência da presente publicação, argumenta:

Acresce que o preço alto e a raridade das primeiras edições do livro do nosso cronista francês vinham ainda dificultar a leitura de um dos livros mais interessantes e instrutivos sobre o Brasil do primeiro

---

<sup>100</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. *Terra à Vista!...* p.121.

<sup>101</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. *Terra à Vista!...* p.121.

<sup>102</sup> R. B. de M, Introdução. In. LÉRY, Jean de. *Viagem a Terra do Brasil*. Biblioteca do Exército, 1961. p.3.

século. A fim de sanar essa situação lamentável resolvemos dar esta nova edição.<sup>103</sup>

Fica evidente, nessa pequena introdução, a perspectiva como a crônica de Léry é delineada; como documento, com algo instrutivo, porém não é apenas uma forma de se ler, é uma interpretação que através do exercício da apresentação, condiciona a leitura do texto. Voltemos, justamente, o nosso foco para este aspecto, no entanto, não iremos desprezar esta interpretação ou tomá-la por falsa, mas mantê-la em seus devidos contextos, que dialoga com determinados interesses e a uma determinada concepção de história, neste texto, uma concepção que se baseava numa ideia de conhecimento objetivo.

Prossigamos nossa análise. Posterior à pequena introdução vem uma nota atribuída ao tradutor Sérgio Milliet.<sup>104</sup> Assim como na introdução, a nota do tradutor expressa uma intenção de justificar ou, até mesmo, legitimar a reedição do livro. Primeiramente, o tradutor chama a atenção do leitor para a relevância dos viajantes, diz:

Já se referiram os estudiosos à importância dos viajantes estrangeiros no estudo de nossa história colonial. O mesmo se dirá com acerto em relação à etnografia brasileira. De um modo geral são as narrações de viagem manancial precioso ao conhecimento dos nossos índios. Todavia as obras dos que nos visitaram no decurso do século XVI abundam em informes de primeira ordem. Aí estão, para prová-lo, as edições antigas ou modernas, comentadas ou não, dos Jean de Léry, André Thévet, Yves d'Evreux, Claude d'Abbeville, Hans Staden, Ulrich Schmidel e outros. Mais fantasistas uns, mais serenos e objetivos outros, todos esses viajantes, missionários, aventureiros que residiram entre nós trazem sua contribuição utilíssima ao estudo do nosso indígena.<sup>105</sup>

Sérgio Milliet, também se refere a uma suposta imparcialidade de Léry:

Léry, principalmente, se recomenda pela imparcialidade com que descreve a vida e os costumes dos tupinambás, pela agudeza de sua observação e, ainda, pelo sabor de seu estilo. (...) explicado esse fenômeno resta ainda o dizer porque o livro de Léry sobressai, entre tantos outros e porque seu depoimento permanece vivo quatrocentos anos mais tarde. É que Léry revela em toda a sua obra uma qualidade notável, raríssima em seu tempo de paixões e preconceitos e só

---

<sup>103</sup> R. B. de M, Introdução. In: LÉRY, Jean de. *Viagem a Terra do Brasil*. Biblioteca do Exército, 1961. p.4.

<sup>104</sup> Sérgio Milliet foi, além de tradutor, pintor e crítico literário. Ver: SILVA, Renata Rufino, Sergio Milliet: um projeto modernista de literatura, entre o Brasil e a Europa. Natal: ANPUH. 2013.

<sup>105</sup> MILLIET, Sérgio, Notas do Tradutor. In: LÉRY, Jean de. *Viagem a Terra do Brasil*. Biblioteca do Exército, 1961. p.5.

encontrável atualmente, nos espíritos mais adiantados de nossa civilização ocidental: o senso da relatividade dos costumes, a simpatia, no sentido sociológico da palavra, que conduz à compreensão dos semelhantes e à análise objetiva de suas atitudes. Esse estado de espírito, que comporta certo ceticismo muito do gosto científico, nós o observamos em alguns grandes escritores do Renascimento, principalmente em Montaigne, que por tantas outras características, inclusive o estilo, se aparenta a Jean de Léry.<sup>106</sup>

A partir dos termos “simpatia, no sentido sociológico” e “análise objetiva” podemos perceber como a produção de sentido parte de uma perspectiva científicista, e como esta perspectiva visa condicionar a leitura. Este trecho supracitado revela o ponto de vista a qual Léry é tomado, um ponto de vista apoiado nos conceitos da sociologia e antropologia modernas.

Visto que, como colocamos, é visível o reflexo da posição religiosa de Léry em sua crônica, seria de se supor uma certa “ingenuidade” de Sérgio Milliet ao tomar o texto de Léry como estritamente objetivo, porém, deixemos que ele próprio conteste nossa afirmação:

Naturalmente, como homem de carne e osso que era, com defeitos como todos nós, não podia mostrar-se isento por completo de paixões. E, sobretudo, era-lhe difícil fugir à maior paixão do meio em que viveu e se formou: a paixão religiosa. Donde o famigerado prefácio, que seus diversos tradutores evitaram e no qual, se discute coisas nossas com seu compatriota Thévet, é movido antes de mais nada pela posição religiosa do contendor, bom católico, adversário declarado de Calvino. Duas ou três vezes ainda, no próprio texto de sua narrativa, destila Léry sua bÍlis contra os católicos e os ateus em rápidas e incisivas apóstrofes. Mas bem pouco espaço ocupam tais invectivas em relação ao texto aproveitável etnográfico, já pela soma de fatos descritos, já por alguns comentários argutos, hipóteses hoje confirmadas em quase todos os seus aspectos.<sup>107</sup>

Notamos que, apesar do reconhecimento da posição religiosa de Léry, Milliet a justifica, tratando-a como um aspecto menor, tomando a posição calvinista como um tipo de defeito que, aliás, merece ser desculpado e ignorado. Existe, portanto, uma limitação e uma interpretação conforme um posterior reconhecimento por uma perspectiva antropológica, e que coloca a questão religiosa - central para a nossa concepção do autor, do seu contexto e do seu texto - como uma especificidade que deve

---

<sup>106</sup> MILLIET, Sérgio, Notas do Tradutor. In: LÉRY, Jean de. *Viagem a Terra do Brasil*. Biblioteca do Exército, 1961. p.6.

<sup>107</sup> MILLIET, Sérgio, Notas do Tradutor. In: LÉRY, Jean de. *Viagem a Terra do Brasil*. Biblioteca do Exército, 1961. LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.6.

ser desconsiderada. Delimita-se e direciona a interpretação do leitor para o que, a priori, deverá ser considerado ou ignorado.

Nossa intenção não é fazer juízo de valor da interpretação de Sérgio Milliet. Pretendemos, tão somente, atentar para o anacronismo que podemos cometer ao perpetuamos uma análise acrítica. Da mesma forma, não visamos negar uma certa objetividade em alguns relatos de Léry, mas destacar a importância de sua identidade calvinista na construção de sua narrativa.

### 3.3 Nota de Paul Gaffarel

A nota bibliográfica escrita por Paul Gaffarel<sup>108</sup>, parece tentar abordar as diversas edições da crônica de Jean de Léry, e as informações presentes nesta nota nos fornecem elementos que nos ajudam a compreender, principalmente, o público leitor da literatura de viagem, isto é, o leitor ao qual Léry tinha a intenção de se remeter.

Paul Gaffarel, traça um panorama que parte desde as estratégias de edição nos títulos (1ª e 2ª edições) até os contextos dessas publicações. Isso nos é de muita valia, já que, consideramos a existência de duas dimensões distintas: o escrito e as leituras.<sup>109</sup>

Logo em seu primeiro parágrafo, o autor argumenta:

A primeira edição do livro que reimprimimos traz o título seguinte: "Narrativa de uma viagem feita à terra do Brasil, também dita América, contendo a navegação e coisas notáveis vistas no mar pelo autor: a conduta de Villegagnon naquele país, os estranhos costumes e modos de vida dos selvagens americanos; com um colóquio em sua língua e mais a descrição de muitos animais, plantas e demais coisas singulares e absolutamente desconhecidas aqui, cujo sumário se verá dos capítulos no princípio do livro. Tudo colhido no próprio lugar por Jean de Léry, natural de La Margelle, Saint-Seine, ducado de Bourgogne."<sup>110</sup>

É inegável que o título de uma obra tem como uma de suas funções primordiais atrair o leitor, uma relação entre aquilo que se deseja apresentar com o que se acredita ser o anseio comum de um determinado público leitor. Neste caso, temos no título um discurso do singular, do formidável, do incomum. O desejo pelo exótico é motor nesta

---

<sup>108</sup> Paul Gaffarel foi um historiador francês do século XIX, especialista no Brasil do século XVI, biógrafo de Jean de Léry e professor da Faculdade de Letras de Dijon.

<sup>109</sup> Consultar capítulo I. p.15.

<sup>110</sup> GAFFAREL, Paul, Notas Bibliográficas. In: LÉRY, Jean de. *Viagem a Terra do Brasil*. Biblioteca do Exército, 1961. p.16.

relação do leitor com a literatura de viagens.

O interesse pelo exótico segue na segunda edição e até se expressa de forma mais clarividente:

A segunda edição tem o mesmo título, mas com as seguintes palavras a mais: Revista, corrigida e bem aumentada nesta segunda edição, tanto em relação às gravuras como a outras coisas notáveis acerca do autor. Foi impressa em Genebra em 1580, por Antoine Chuppin.<sup>111</sup>

Não é apenas um acréscimo no título que demonstra a ânsia pelo exótico e pelo singular, Gaffarel transcreve uma advertência do próprio Chuppin:

"Tanto mais quanto o autor desta história não somente a ampliou em vários pontos e a enriqueceu com detalhes muito notáveis e dignos de registro, e, conforme promessa feita no prefácio, adornou e embelezou com gravuras esta segunda edição, mas ainda a reviu tão cuidadosamente e corrigiu, e esclareceu tão bem a matéria tratada nestas páginas, que o conjunto... parecerá uma nova história. Foi minha intenção avisar os que já viram a primeira, e não sabem ainda o que esta contém, que nela encontrarão muito maior satisfação que na precedente" <sup>112</sup>

Na contemporaneidade, certamente, um relato de viagem que, posteriormente, fosse modificado ao ponto de parecer uma “nova história”, perderia credibilidade, mas para o público leitor da literatura de viagem do século XVI parecia ser um atrativo. O editor não colocou a advertência apenas para alertar aqueles que já teriam lido a primeira edição, mas, também, como uma forma de atrair mais leitores, que nesta edição encontrariam “muito maior satisfação que na precedente.”

Ainda segundo Paul Gaffarel, as outras edições em vernáculo foram publicadas em 1585, 1594, 1599, 1600 e 1677, todas impressas em Genebra, as edições em latim, também impressas em Genebra, são de 1586 e 1594.

As informações contidas na nota bibliográfica nos forneceram elementos importantes para a análise do texto de Léry. Atentemos, previamente, para o fato de a crônica ter sido publicada 20 anos após o retorno de Jean de Léry à Europa, o texto, não foi escrito durante a viagem ou logo depois de sua chegada, nosso cronista escreveu e publicou seu relato imerso nas disputas religiosas da cristandade europeia do século

---

<sup>111</sup> GAFFAREL, Paul, Notas Bibliográficas. In: LÉRY, Jean de. *Viagem a Terra do Brasil*. Biblioteca do Exército, 1961. p.16.

<sup>112</sup> GAFFAREL, Paul, Notas Bibliográficas. In: LÉRY, Jean de. *Viagem a Terra do Brasil*. Biblioteca do Exército, 1961. p.17.

XVI, que como já abordamos, se construíram como pano de fundo de suas memórias. Destacamos, também, que através das estratégias editoriais, nos foi permitido vislumbrar o público leitor da literatura de viagem. Ainda em relação ao público leitor, pudemos observar, que quase todas as edições são de Genebra, a exceção da primeira francesa que foi produzida em La Rochelle, e é sabido que “Genebra tornou-se a cidadela do protestantismo e foi nessa fonte ardente, de fé e eloquência que ardorosos missionários vieram buscar sua inspiração, a fim de espalhar em seguida, mundo afora, a doutrina e as ideias do mestre.”<sup>113</sup>

Temos, então, um autor que escreve (muitos anos após a sua experiência nas terras do Brasil) sua crônica para um público que ansiava pelo exótico, pela novidade, pelo singular, um autor calvinista que edita e publica seu livro na cidade que no período (segunda metade do século XVI) era o principal bastião do calvinismo no continente europeu.

O texto foi concebido coma a intenção de dirigir-se aos europeus do século XVI, mais precisamente, a aqueles que eram adeptos da mesma religião do autor (calvinismo). Não devemos ignorar estas informações, elas são de fundamental importância para pensarmos a construção do discurso de Léry.

### **3.4 Dedicatória e prefácio de Léry**

Nossa finalidade agora é identificar nas margens escritas pelo próprio Léry elementos que auxiliem na compreensão das bases que constituem o discurso do autor.

A obra é dedicada ao “ilustre e poderoso senhor conde Francisco de Coligny, senhor de Chatillon, governador por graça dei rei, da cidade de Montpellier”,<sup>114</sup> o motivo:

Senhor, levado pelo reconhecimento que devo à memória daquele por intermédio de quem Deus me permitiu ver as coisas com que escrevi a presente narrativa, (...) estimei de meu dever levar à posteridade o nome daquele que foi a causa e o motivo da expedição. Em verdade, considerando que não houve em toda a antiguidade um chefe francês e cristão que estendesse o reino de Jesus Cristo, rei dos reis e senhor dos senhores, e os limites de seu príncipe soberano a país tão longínquo,

---

<sup>113</sup> GAFFAREL, Paul, Notas Bibliográficas. In: LÉRY, Jean de. *Viagem a Terra do Brasil*. Biblioteca do Exército, 1961. p.9.

<sup>114</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.19.

ninguém poderá exaltar demasiado uma tão santa e realmente heróica empresa.<sup>115</sup>

Percebemos que Jean de Léry argumenta que devia à memória de Gaspar de Coligny (pai de Francisco Coligny), pois acredita que sua viagem ao Brasil só se deu por intermédio do mesmo. Léry, também colocava a França Antártica como uma expansão do “reino de Jesus Cristo” e do reino secular francês. Sua justificativa, em um primeiro momento, parece ser plausível, baseada em razões consideradas nobres, mas ao analisarmos atentamente, tais razões nos parecem muito gerais, um católico poderia alegar as mesmas razões, afinal, também seria um cristão e súdito da mesma coroa. Para deprender melhor está questão, caminhemos um pouco mais sobre a dedicatória:

(...) se o empreendimento tivesse continuado tão bem quanto começou tanto o reino espiritual como o temporal aí se achariam enraizados em nossa época e mais de dez mil súditos da nação francesa aí estariam agora em plena e segura posse, para nosso rei.<sup>116</sup>

Lembremos do que discutimos no capítulo anterior, em que Léry atribuía a Villegagnon o fracasso da expedição, principalmente, no que diz respeito, como abordamos, à uma suposta duplicidade do Marquês. Este é o primeiro momento em que fica evidente a posição de Léry em relação aos acontecidos na empresa da França Antártica:

Assim como não se deve imputar aos apóstolos a destruição das igrejas que eles construíram, nem a ruína do Império Romano aos bravos guerreiros que lhe conquistaram tantas belas províncias, somente louvados merecem ser os que assentaram os primeiros alicerces das coisas que eu refiro em relação à América. Deve-se atribuir o erro e a descontinuidade a Villegagnon e àqueles que com ele (contrariamente ao que fizeram de início e ao que haviam prometido) em lugar de continuar a obra abandonaram a fortaleza que havíamos construído, e o país que a chamáramos França Antártica, aos portugueses, os quais nele se adaptaram muito bem.<sup>117</sup>

Seguindo a dedicatória encontramos uma passagem, no mínimo, inusitada:

Eis por que, senhor, considerando-vos representante da pessoa desse excelente senhor, a quem deve a pátria tantas ações generosas, publiquei este meu trabalho sob os vossos auspícios. Por isso a vós é que terá de prestar contas Thévet por ter, de um modo geral e na medida de suas forças, condenado e caluniado a causa pela qual fizemos essa viagem à América e ainda por, ao falar do almirantado

---

<sup>115</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.19.

<sup>116</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.19.

<sup>117</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.20.



de França, na sua *Cosmografia*, ter ousado denegrir o nome venerado por todos os homens de bem de quem foi o promotor da viagem.

Como vimos, logo em sua dedicatória, que seria, em tese, uma margem ao qual se rendem homenagens, Léry já acusa Thévet de caluniador e deixa, assim, evidenciar a sua contraposição ao discurso católico.

Alcançamos, por fim, um ponto crucial de sua dedicatória. É no último parágrafo que após elogiar a postura de Francisco de Coligny em prol da religião reformada, Léry diz

“Por outro lado, senhor, vossa confiança e magnanimidade na defesa das igrejas reformadas deste reino, mostrando diariamente que seguis com felicidade as pegadas daquele que sustentando essa mesma causa lhe deu até o próprio sangue a gratidão que conservo pelo acolhimento honesto e bom que me proporcionastes na cidade de Berna para onde me dirigi após libertar-me do cerco de Sancerre; levaram-me a procurar a vossa proteção.”<sup>118</sup>

A menção aqui é reveladora. O cerco de Sancerre<sup>119</sup> já referido, foi um episódio marcante dentro do contexto das disputas religiosas da cristandade europeia do século XVI. É justamente dentro deste universo que Léry estava inserido quando escreveu a sua obra. Sancerre, tem aqui dimensão em destaque, na medida em que Léry não só teria participado como, também, segundo Gaffarel, escrito sobre este episódio:

Léry era uma vítima provável, mas escapou por milagre, com seu colega Pedro Melet, e se refugiou na praça forte de Sancerre. “Para aí” escreveu em sua ‘Narrativa do cerco de Sancerre’. “se haviam retirado os pobres fiéis das cidades vizinhas de Bourges, La Charité, Gien, Orléans e outras, depois de escapar dos dentes dos lobos como pobres ovelhas, a fim de evitarem a fúria dos que, sem nenhum respeito, satisfaziam seus ódios mais do que bárbaros.”<sup>120</sup>

Esses são os elementos que nos ajudam a compreender as razões que o levaram a dedicar seu livro a Francisco de Coligny; além deste ser filho de Gaspar; teria o ajudado com refúgio durante do cerco de Sancerre. Portanto, não existe somente o reconhecimento da religião calvinista de que ambos eram adeptos, mas também uma gratidão pessoal, em relação a quem lhe acolheu em uma situação extrema. Esses também são elementos que evidenciam o processo de escrita de seu discurso, que tinha

---

<sup>118</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.20.

<sup>119</sup> Consultar Capítulo II. P.28.

<sup>120</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p13.

como um de seus objetivos legitimar a posição dos calvinistas no contexto dos conflitos de religião.

É evidente que não podemos resumir a dedicatória de Léry apenas a temática religiosa, seria empobrecê-la, seria tomar o texto por uma análise simplista. No entanto, a intenção é delinear a influência marcante dos conflitos religiosos em seu texto e de que forma isso se expressa ao longo do discurso.

O prefácio corresponde ao que foi redigido para a segunda edição publicada em 1580. Léry, inicia o texto explicando os motivos para o atraso na publicação de seu livro;

De volta à França não tinha eu a intenção de tornar públicas as memórias que escrevera, em grande parte com tinta do Brasil, e ainda na América, nem as coisas notáveis que observara, mas de bom grado as contava pormenorizadamente aos que me inquiriam.<sup>121</sup>

A argumentação do autor de que ele não possuía, de início, a intenção de externar seus relatos é um fato a ser levado em consideração, também devemos considerar os motivos para que ele decidisse, enfim, publicá-los:

Tendo, porém, algumas das pessoas com as quais mantinha relações julgado que tais coisas eram dignas de ser preservadas do esquecimento, acedi em redigi-las e já em 1563 entregava eu, ao deixar a cidade em que me encontrava, uma assaz ampla narrativa a um de meus amigos; mas aconteceu que as pessoas a quem este remeteu o manuscrito, para que me fosse devolvido, o perderam às portas de Lyon e não foi mais possível encontrá-lo.<sup>122</sup>

Coloquemos aqui nossa atenção para as pessoas com as quais mantinha relações, esses que julgaram que tais coisas eram dignas de ser preservadas. Como já abordamos anteriormente, o público leitor da literatura de viagens tinha gosto pelo exótico e singular, também devemos nos atentar de que as edições de seu texto foram feitas quase sempre na cidade de Genebra, reduto da religião calvinista. A julgar pela polarização religiosa da França no século XVI, é provável que Léry se refira, no trecho acima, a pessoas que comungavam de mesma religião que a sua.

Um outro motivo elencado por Léry para justificar a demora na publicação de seu livro foi a perseguição sofrida pelos protestantes e a guerras religiosas:

---

<sup>121</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.22.

<sup>122</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.22

Em vista disso, com a ajuda dos rascunhos que fui solicitar ao copista, reconstituí o manuscrito, à exceção do colóquio em língua selvagem do capítulo XX, de que não existia senão um exemplar. Mas ao terminar essa nova redação, estando eu em La Charité sur Loire, vi-me forçado a fugir às desordens aí provocadas contra os da Religião e a refugiar-me em Sancerre. Depois de minha partida tudo foi pilhado e, essa segunda cópia de minha narrativa perdida também. Ao relatar, porém a um nobre fidalgo o primeiro incidente e o nome da pessoa a quem eu entregara o manuscrito, de tal modo se interessou ele por encontrá-lo que finalmente o achou no ano passado (1576) e mo devolveu. Eis por que o que escrevi sobre a América, tendo-me sempre fugido das mãos, não pôde ser publicado antes.

Faremos, agora, um exercício de reflexão; imaginemos por quantas vezes Léry, em meio a um contexto de massacres religiosos na França, utilizando-se de sua memória e algumas anotações, não deve ter escrito e reescrito a sua trajetória, e o quanto esses relatos devem ter sido modificados, não apenas pela influência do contexto, mas também ao gosto de seus ouvintes. Estes fatores somados, atualizaram e ressignificaram as lembranças, e contribuíram para a construção de uma obra que ainda estava por ser completamente escrita e editada.

E quando consideramos a segunda edição (a qual a nossa edição é subordinada) e pensamos nas suas modificações, podemos constatar: a não ser que nosso cronista tenha voltado à Baía de Guanabara, levando sua primeira edição a fim de retificar as informações (o que não ocorreu), acreditamos que seja crível dizer que esta segunda edição (atualizada) manifesta muito mais os reflexos do contexto em que Léry estava inserido, imerso em guerras civis religiosas e de uma sociedade que ansiava pela novidade, pelo singular, pelo incomum, pelo exótico; sociedade que influenciava não só a Jean de Léry, mas aquelas pessoas próximas a ele, que o estimularam a publicar seu relato.

Agora iremos tocar no que consideramos ser o ponto-chave para escrutinar o discurso do autor. Comentando sobre os motivos que o levaram a demorar 20 anos, desde sua volta a terras europeias, para publicar sua crônica, Léry por trás de uma pretensa modéstia – *não se sentir à altura de usar a pena* – afirma de forma contundente a intenção de contrapor-se a Thévet:

Na realidade havia ainda uma razão para isso: o fato de não me sentir à altura de usar a pena, embora ao chegar do Brasil, em 1558, fosse publicado o livro intitulado "Singularidades da América" redigido pelo Sr. De la Porte de acordo com as narrações e memórias de André

Thévet, e que, como bem observa o Sr. Fumée em seu prefácio à "História Geral das índias", se apresenta prenhe de mentiras. E teria eu conservado o silêncio se o dito autor se houvesse contentado com essa série de erros. Mas, ao verificar, neste ano de 1577, pela leitura da "Cosmografia" de Thévet, que ele somente repetia suas mentiras e ampliava seus erros (sem dúvida na esperança de que todos estivéssemos enterrados ou não ousássemos contradizê-lo), mas ainda se valia da oportunidade detrair dos ministros e imputar mil crimes aos que como eu os acompanharam em 1566 à terra do Brasil, com digressões falsas e injuriosas, vi-me constringido a dar à luz o relato de nossa viagem.<sup>123</sup>

Referente a Thévet, como já citamos, Léry acusa-o de fazer falsas afirmações sobre os acontecidos na França Antártica, mas chamamos atenção para o fato de que a grande questão, para Léry, não era ter Thévet mentido sobre as características da fauna e flora da terra do Brasil, ou sobre ter feito falsas alegações sobre os indígenas, mas sim, ter caluniado ministros calvinistas que participaram da comitiva a qual Léry pertencia.

Em outro trecho Léry afirma:

Mas enquanto procedo ao trabalho de aproximação e (como já se acha avisado) ele se prepara para sustentar o combate ou render-se, pedirei aos leitores que, lembrando-se do que afirmei acima, a saber, terem sido as calúnias de Thévet a causa, em grande parte, da publicação desta narrativa.<sup>124</sup>

Em várias outras passagens, ainda no prefácio, Léry volta a atacar Thévet, mas uma em especial nos parece ser a mais significativa:

Entretanto, como bom francês, zeloso da honra de meu príncipe, isso me desgosta tanto mais quanto, vestindo-se com o título de cosmógrafo do Rei além do dinheiro mal-empregado que obtém ainda se valha do patrocínio real para publicar bobagens e ingenuidades indignas sequer de uma simples missiva. Mas para que soem todas as cordas em que buliu, embora estime eu que não mereçam resposta, a fim de mostrar que julga os outros por si próprio e de acordo com as regras da confraria de S. Francisco a que pertence e cujos irmãos menores enfiam o que podem nos seus sacos, devolverei ao seu jardim as pedras jogadas por ele ao nosso e desvendarei algumas de suas canalhices.<sup>125</sup>

Percebemos que intenção de contrapor-se a Thévet, e conseqüentemente aos católicos, não foi expressa de forma velada ou subentendida no texto, mas de forma

---

<sup>123</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p. 23.

<sup>124</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.33.

<sup>125</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.30.

explícita e até declarada. Em seu prefácio, Léry evidencia que seu desejo não era, apenas, perpetuar a realidade que experimentou na Guanabara, mas contestar um desafeto e reivindicar para os adeptos da religião calvinista um discurso sobre a França Antártica.

Enfim, alcançamos o final deste capítulo. Considerando as ideias teórico-metodológicas de Eni Orlandi e Roger Chartier, e utilizando-se da divisão feita por Paiva, chamamos atenção para as margens, pontos que geralmente costumam ser ignorados ou pouco contemplados, mas que podem ser relevantes na compreensão dos processos significativos.

A análise da introdução e da nota do tradutor, nos foram úteis para a percepção de que, embora, se coloquem como simples apresentadoras do texto de Léry, elas também expõem uma determinada interpretação que evidencia certos aspectos e negligencia outros, uma interpretação influenciada pelas premissas e pela conjuntura das ciências antropológicas e sociais do século XIX, como vimos no capítulo II. A nota bibliográfica de Paul Gaffarel nos propiciou elementos para que compreendêssemos, não só o público leitor de Léry, mas da literatura de viagens como um todo, público que ansiava pelo exótico.

Por fim, a dedicatória e o prefácio escritas por Jean de Léry exprimiram a sua visão de mundo baseada em características da sua identidade calvinista, e a partir de referências implícitas ou explícitas no texto, nos relevaram o contexto (de intensas guerras religiosas) que o autor estava inserido e como esse contexto o motivou a publicar seu livro, como também esse mesmo contexto se refletiu na escrita do autor e, portanto, influenciou na representação que ele construiu do “outro”.

## Capítulo IV – A construção da imagem do indígena por Jean de Léry

Como foi explicitado nos capítulos anteriores, tomamos a crônica de Léry como um discurso, o que envolve relaciona-la, de maneira geral, ao seu autor e ao contexto em que foi escrita e publicada. A nossa intenção neste capítulo é compreender a construção da imagem do indígena por Jean de Léry, relacionando sua experiência e descrição com a tentativa de representar o que parece ser estranho a um mundo pré-concebido pelo cronista.

Jean de Léry menciona em sua crônica 295 vezes o termo “selvagens”. Quando se remetia aos índios nessa terminologia, ele não se referia apenas ao “originário da selva”, não era de forma alguma uma designação neutra. Segundo Klaas Woortmann, o termo esteve presente no pensamento europeu desde a Antiguidade, quando era então utilizado pelos gregos (juntamente com o termo “bárbaro”) para designar os povos que estivessem fora da polis e que não partilhassem da cultura grega. Na Idade Média, o termo passou a ser usado não só de contraponto a quem não pertencia a mesma cultura ocidental como também para caracterizar a pecha da maldição<sup>126</sup>. Tanto entre os gregos antigos, os europeus medievais e os europeus do século XVI, o “selvagem” era apenas um espelho, o termo fala muito mais sobre o sujeito que o define do que ao objeto ao qual se refere, e esse fato, segundo Woortmann, é decorrente de uma concepção específica de história, da qual:

A construção de uma humanidade única foi uma exigência fundamental do cristianismo para que, desde a patrística, se engendrasses a concepção providencialista da história: unidade no espaço e unidade no tempo, sob a égide da Vontade Divina, compõem o universalismo necessário ao cristianismo. Segundo tal concepção não existiriam eventos com significado em si mesmos; apenas sinais místicos de um governo divino. Por isso, a história se torna também milenarista ou apocalíptica.<sup>127</sup>

Esta concepção de história elaborada na Idade Média não conseguia assimilar o singular como um evento significativo em si mesmo, a apreciação do “Outro” era sempre feita a partir de seus próprios termos.

---

<sup>126</sup> Cf. WOORTMANN, Klaas. *O Selvagem na gesta dei: história e alteridade no pensamento medieval*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001 (série Antropologia).

<sup>127</sup> WOORTMANN, Klaas. *O Selvagem na gesta dei...* p.264.

Em *Trópicos do Discurso*, ao examinar a arqueologia da ideia de “estado selvagem”, Hayden White considera esta categorização como parte dos “instrumentos culturalmente autolegitimadores”, dentro de uma dinâmica discursiva antitética entre civilizado e selvagem:

A noção de “estado selvagem” (wildness), ou, na sua forma latinizada, “selvageria”, faz parte de um conjunto de instrumentos culturalmente autolegitimadores que inclui, entre muitas coisas, também as ideias de “loucura” e de “heresia”. Estes termos são utilizados não só para designar uma condição ou estado de ser específico, mas também para confirmar o valor das suas antíteses dialéticas “civilização”, “sanidade” e “ortodoxia”, respectivamente. Assim, não se referem tanto a uma coisa, lugar ou condição específicos, quanto ditam uma atitude particular que comanda uma relação entre a realidade vivida e alguma área problemática da existência que pode se conciliada facilmente com as concepções convencionais do normal ou familiar.<sup>128</sup>

Ainda segundo White:

Se não sabemos o que é “civilização”, sempre podemos encontrar um exemplo do que ela não é. Se não temos certeza do que é a sanidade, podemos ao menos identificar a loucura quando a vemos. Do mesmo modo, no passado, quando os homens não tinham certeza da qualidade exata do seu senso de humanidade, recorriam ao conceito de estado selvagem para designar uma área de subumanidade que se caracterizava por tudo que não fossem.<sup>129</sup>

O selvagem era então tomado pela negação do estado civilizado: a inarticulação da linguagem (no caso, o desconhecimento das línguas indígenas por parte dos europeus); o nomadismo; o foco nos atributos físicos em detrimento aos atributos intelectuais; a falta de um Estado organizado aos moldes europeus e outros aspectos eram acentuados a fim de expressar tudo o que a civilização não seria. O público de leitores do século XVI ansiava por informações acerca dos “selvagens”, a percepção dos primeiros navegantes foi norteadada pelo imaginário preexistente. Assim, podemos concluir que o termo “selvagem” não é uma indicação neutra, tomando o fato de que os sentidos são estabelecidos historicamente em uma direção determinada, Léry parte, em seus relatos, de conceitos e termos historicizados, parte de um mundo pré-concebido.

---

<sup>128</sup> WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1994, p. 170.

<sup>129</sup> WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura...* p. 171.

As considerações feitas acerca do termo “selvagem” nos fornecem elementos que são indicadores fundamentais para compreendermos a representação que Léry constrói dos indígenas, voltemos agora nossa análise sobre a crônica.

Faremos nossa análise partindo, novamente, das considerações de Diego Souza de Paiva. Em seu livro *Um Espelho em Construção: O índio na crônica de Jean de Léry*<sup>130</sup>, o autor reflete sobre a construção da imagem dos indígenas nos relatos de Léry e afirma que as considerações feitas pelo cronista esvaziam os significados da cultura nativa.

Começamos pelo primeiro contato de Léry com os indígenas, um aspecto interessante, é que este contato não se deu com os tupinambás (aliados dos franceses), mas com indígenas “da nação dos *Margaiá*”.<sup>131</sup> Léry se refere a eles nos seguintes termos:

(...) aliada dos portugueses e por consequência tão inimiga dos franceses que se nos apanhassem em condições favoráveis, não só não nos teriam pago resgate algum mas ainda nos teriam trucidado e devorado.<sup>132</sup>

Nesta passagem, por atitude do mestre do navio no qual nosso cronista fazia sua viagem, os franceses acabaram articulando um contato e realizando alguns escambos. Porém, apesar da recepção solícita dos *Margáias*, o preceito de que eram inimigos orientava a percepção de Léry:

Antes de se separarem de nós os homens, principalmente dois ou três velhos que pareciam os mais notáveis da freguesia, afirmaram que em suas terras se encontrava o melhor Pau-Brasil da região e prometeram ajudar-nos a cortar e carregar a madeira, e ainda a nos fornecer víveres, e todo esforço fizeram para persuadir-nos a carregarmos o nosso navio. Como, porém eram nossos inimigos isso nos pareceu astúcia; em terra, onde teriam vantagem, fácil lhes seria nos desbaratarem e comerem; de resto não era nosso intento dirigir-nos para esse lugar e não nos detivemos ali.<sup>133</sup>

Ainda sobre povos não-tupinambá, Léry relata que os franceses evitavam se aproximar da região “ocupada pelos *Uetacá*”,<sup>134</sup> referindo-se a eles como:

---

<sup>130</sup> PAIVA, Diego Souza de. *Um Espelho em Construção: O índio na crônica de Jean de Léry*. Sebo Vermelho, 2008.

<sup>131</sup> LÉRY, Jean de. *Viagem a Terra do Brasil*. Biblioteca do Exército, 1961. p.60.

<sup>132</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.60.

<sup>133</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.62.

<sup>134</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.63.



(...) índios tão ferozes que não podem viver em paz com os outros e se acham sempre em guerra aberta não só contra os vizinhos, mas ainda contra todos os estrangeiros. Quando apertados e perseguidos por seus inimigos, os quais, entretanto, nunca os puderam vencer ou ornar, correm tão rápidos a pé que não só escapam da morte como apanham na carreira certos animais silvestres, veados e orças. Andam nus como todos os brasileiros e usam cabelos compridos e pendentes até as nádegas, o que não parece comum entre os homens desse país, pois, como já disse, costumam tonsurar o cabelo na frente e apará-lo na nuca. Em suma esses diabólicos Uetacá, invencíveis nessa região, comedores de carne humana, como cães e lobos, e donos de uma linguagem que seus vizinhos não entendem, devem ser tidos entre os mais cruéis e terríveis que se encontram em toda a Índia Ocidental.<sup>135</sup>

O que podemos deprender a partir desses relatos sobre os primeiros contatos de Léry com os indígenas, é que quando falamos de um certo relativismo ou objetividade de seus escritos é preciso, antes, questionar a qual “índio” Léry está se referindo, se é um povo considerado inimigo, não existe nenhuma tentativa de ir além do que lhe foi passado por terceiros, nenhum tom elogioso, longe disso, sobre estes povos sua representação é tomada pelo imaginário europeu preexistente e reforçada pela expectativa de um público leitor que ansiava por seres animaiscos ou monstruosos. Então, o que conseguimos extrair, a partir da narrativa de Léry, sobre estes povos não-tupinambá? Apenas que estes eram considerados inimigos dos franceses. A narrativa é elaborada apenas como expressão de uma experiência nova que só consegue ser assimilada pela comparação a referências de um imaginário pré-concebido. Será que podemos encontrar exemplos de objetividade quando Léry se referia aos tupinambás (aliados dos franceses)? É o que analisaremos a seguir.

O capítulo VIII intitulado *índole, força, estatura, nudez, disposição e ornatos dos homens e mulheres brasileiros, habitantes da América, entre os quais permaneci quase um ano*, é o primeiro capítulo em que Léry trata especificamente do povo Tupinambá. Neste capítulo a construção da representação indígena parece ter a pretensão de atender aos requisitos da objetividade moderna e ao anseio dos leitores pelo exótico. Nesse sentido, a dimensão corporal do índio foi bastante relatada:

(...) não são maiores nem mais gordos do que os europeus; são, porém mais fortes, mais robustos, mais entroncados, mais bem dispostos e

---

<sup>135</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.63.

menos sujeitos a moléstias, havendo entre eles muito poucos coxos, disformes, aleijados ou doentios.<sup>136</sup>

Em outra passagem Léry diz:

Quanto à sua cor natural, apesar da região quente em que habitam, não são negros; são apenas morenos como os espanhóis ou os provençais. Coisa não menos estranha e difícil de crer para os que não os viram, é que andam todos, homens, mulheres e crianças, nus como ao saírem do ventre materno.<sup>137</sup>

Podemos notar, a partir desse trecho, que além da dimensão corporal o nosso cronista tem a atenção voltada para uma particularidade desses indígenas: a nudez. Em relação a nudez podemos notar, também, uma sutil simpatia de Léry com esse hábito, principalmente quando se tratava do gênero feminino. Nosso cronista relata a dificuldade de convencer as indígenas a vestir roupas:

Os homens, como já dissemos, ainda se vestiam por vezes, mas elas não queriam nada sobre o corpo e creio que não mudaram de idéia. Em verdade, alegavam, para justificar sua nudez, que não podiam dispensar os banhos e lhes era difícil despir-se tão amiúde, pois em quanta fonte ou rio encontravam, metiam-se náguas, molhavam a cabeça e mergulhavam o corpo todo como caniços, não raro mais de doze vezes por dia. Suas razões eram plausíveis e quaisquer esforços para convencê-las do contrário foram, aliás, inúteis.<sup>138</sup>

Neste ponto Léry parece ter uma atitude receptiva a alteridade, já que não apenas expõe os argumentos das indígenas, como também, acredita que esses argumentos sejam *plausíveis*. Porém, o tema da nudez é exposto não só pela curiosidade, mas também é utilizado para criticar a “ostentação” da indumentária católica, ao final do capítulo temos:

Não é de meu intento, entretanto, aprovar a nudez contrariamente ao que dizem as Escrituras, pois Adão e Eva, após o pecado, reconhecendo estarem nus se envergonharam; sou contra os que a querem introduzir'entre nós contra a lei natural, embora deva confessar que, neste ponto, não a observam os selvagens americanos. O que disse é apenas para mostrar que não merecemos louvor por condená-los austeramente, só porque sem pudor andam desnudos, pois os excedemos no vício oposto, no da superfluidade de vestuário. Praza

---

<sup>136</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.91.

<sup>137</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.92.

<sup>138</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.100.

a Deus que cada um de nós se vista modestamente, mais por decência e honestidade do que por vanglória e mundanismo.<sup>139</sup>

Notemos, portanto, que acima de tudo, a nudez não deixa de ser vista como um *vício*, ela é apenas amenizada perante ao excesso do *vício* oposto, que é o alvo de sua crítica. A nudez é, mais que um contraponto, um instrumento retórico utilizado por Léry para reafirmar sua identidade religiosa cristã calvinista.

Ao se referir ao ritual da “caiunagem”, em que os tupinambás bebiam durante dias o *caium* (bebida fermentada de mandioca ou milho), Léry diz:

Mas é principalmente quando emplumados e enfeitados que matam e comem um prisioneiro de guerra em bacanais à moda pagã, de que são sacerdotes ébrios, que se faz interessante vê-los rolar os olhos nas órbitas.<sup>140</sup>

Encontramos aqui referência a “bacanais” (festas da Grécia Antiga em homenagem ao deus Baco que acabaram sendo incorporadas pelos romanos), por ter origem pagã, estas festas carregam um significado próprio para um cristão protestante. Quando Léry compara a caiunagem com os bacanais, ele está atribuindo um sentido pejorativo para o ritual tupinambá. De certo, esse foi um empenho do autor em constituir uma significação à sua experiência, e também, uma tentativa de constituir uma mediação entre essa mesma experiência e seu público leitor, porém, quando ele estabelece essa analogia, a prática é esvaziada e o significado que ela poderia ter dentro da cultura indígena se perde totalmente.

Da mesma forma, seguindo o texto, Léry comenta sobre como “Os moços casadoiros adornam-se com um desses grandes penachos”<sup>141</sup>, e faz outra comparação:

Ao vê-los assim fazerem tantas vezes a mesma coisa vinham-me à lembrança aqueles sujeitos que em certas aldeias nossas são conhecidos por *valets de la fête*, os quais nos dias de festa ao padroeiro das paróquias andam vestidos de bobos com cetro em punho e guizos nas pernas, brincando e dançando à mourisca pelas casas e praças.<sup>142</sup>

Aplicando, mais uma vez, o recurso da analogia para tentar dar significação ao que não lhe é conhecido, Léry novamente esvazia o significado que o ritual teria para os próprios indígenas. Contudo, é de se supor, que a autor utiliza este recurso, pois os

---

<sup>139</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.102.

<sup>140</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.108.

<sup>141</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.108.

<sup>142</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.108.

elementos que ele possui para tentar constituir significação são aqueles que sua cultura e contexto fornecem, os únicos que dispõe. Nesse sentido, fica claro que não podemos utilizar a crônica de Léry como expressão imaculada dos indígenas e nem exigir dele uma reflexão que lhe é bastante posterior.

Contando sobre um determinado óleo tirado do fruto *curoc*, Léry novamente compara:

Aliás esse unguento é excelente na cura de chagas, fraturas e outras dores do corpo humano; os selvagens, conhecedores de sua eficácia o reputam tão precioso quanto alguns indivíduos de França ao chamado óleo santo.<sup>143</sup>

Notadamente, nosso cronista constrói uma relação que esvazia o sentido que os indígenas atribuíam à sua realidade, visto que, esse significado é remetido a um viés negativo que a visão protestante atribuíam a superstição católica referente aos seus santos óleos.

Identificamos, assim, a utilização recorrente de analogias que esvaziavam os significados da cultura indígena e que isto servia de estratégia retórica para reafirmar sua postura religiosa calvinista. Porém, fica a indagação: Será que essa é de fato a tônica do texto de Léry ou seria um direcionamento da nossa seleção? Em seu livro “*Que é História*”, E. H. Carr afirma que “O historiador é necessariamente um selecionador”,<sup>144</sup> pois:

Os fatos na verdade não são absolutamente como peixes na peixaria. Eles são como peixes nadando livremente num oceano vasto e algumas vezes inacessível; o que o historiador pesca dependerá parcialmente da sorte, mas principalmente da parte do oceano em que ele prefere pescar do que do molinete que usa (...) De um modo geral, o historiador conseguirá o tipo de fatos que ele quer. A História significa interpretação.<sup>145</sup>

Nesse sentido, não podemos desconsiderar que nossa seleção de passagens do texto está inserida em uma lógica específica, mas que nossa intenção é evidenciar um aspecto que julgamos ser essencial para entendermos a construção da imagem do indígena feita por Jean de Léry.

---

<sup>143</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.126.

<sup>144</sup> CARR., E. H. *Que é história?* 8ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 48.

<sup>145</sup> CARR. *Que é história?* p. 59.

Analisaremos agora o capítulo XIV — *Da guerra, combate e bravura dos selvagens*, como o próprio título sugere este capítulo trata dos conflitos. Começamos por uma descrição que, de certa maneira, abre lugar para uma significação atribuída pelos próprios indígenas, ao comentar sobre as motivações das guerras, Léry afirma:

Os selvagens se guerreiam não para conquistar países e terras uns aos outros, porquanto sobejam terras para todos; não pretendem tampouco enriquecer-se com os despojos dos vencidos ou o resgate dos prisioneiros. Nada disso os move. Confessam eles próprios serem impelidos por outro motivo: o de vingar pais e amigos presos e comidos, no passado...<sup>146</sup>

Todavia, essa narrativa que parece dar voz aos indígenas logo desaparece, quando se tenta descrever sobre esse sentimento de vingança durante as batalhas:

Declarada a guerra entre quaisquer dessas nações, alegam que ressentindo-se o inimigo eternamente da injúria seria absurdo deixar o preso escapar; o ódio entre eles é tão inveterado e conservam perpetuamente irreconciliáveis. Donde nos é possível concluir que Maquiavel e seus discípulos, de que a França por infelicidade anda cheia nestes tempos, não passam de imitadores desses bárbaros cruéis. Esses ateus ensinam, e praticam, contrariamente à doutrina cristã que os novos serviços nunca devem apagar as antigas injúrias.<sup>147</sup>

Percebemos que a representação dos indígenas é reduzida ao termo *bárbaros cruéis*, sendo este termo usado também como ferramenta retórica para criticar aqueles que o autor chama de *ateus*. Observemos que Nicolau Maquiavel (1469-1527) não é usado como elemento para que os leitores assimilem os indígenas, mas são os indígenas reduzidos a adjetivos pejorativos, que aliás só tem significação para os europeus, que nos permite entender a relação de Léry com as ideias de Maquiavel e seus discípulos franceses.

Prosseguindo os relatos sobre os conflitos, especialmente, com a descrição de ações de combate, que terminavam com o ritual da antropofagia, onde o inimigo capturado era comido. Ao final da descrição, depois de ressaltar a “crueldade” dos Tupinambás, Léry pondera:

Em boa e sã consciência tenho que excedem em crueldade aos selvagens os nossos usurários, que, sugando o sangue e o tutano, comem vivos viúvas, órfãos e mais criaturas miseráveis, que prefeririam sem dúvida morrer de uma vez a definhar assim

---

<sup>146</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.145.

<sup>147</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.146.

lentamente. Por isso deles disse o profeta que esfolam a pele, comem a carne e quebram os ossos do povo de Deus. Entretanto, mesmo não falando por metáforas, não encontramos aqui, nem na Itália e alhures, pessoas, condecoradas com o título de cristãos, que não satisfeitas com trucidar seu inimigo ainda lhes devoram fígado e coração? E que vimos em França durante a sangrenta tragédia iniciada a 24 de agosto de 1572? Sou francês e pesa-me dizê-lo. Entre outros atos de horrenda recordação não foi a gordura das vítimas trucidadas em Lyon, muito mais barbaramente do que pelos selvagens, publicamente vendida em leilão e adjudicada ao maior lançador?<sup>148</sup>

E conclui dizendo:

Depois de miseravelmente morto não picaram o coração a *Coeur de Roi*, confessor da religião reformada em Auxerre, não lhe puseram os pedaços à venda e não os comeram afinal, para saciar a raiva, como mastins? Milhares de testemunhas desses horrores, nunca dantes vistos em qualquer povo, ainda vivem, e livros já impressos o atestam à posteridade.<sup>149</sup>

Após considerável passagem, surge a seguinte questão: Onde está o indígena que parecia ser cognoscível através dos relatos de um cronista? Perdeu sentido, escapou, se dispersou de nossa percepção, quase que desapareceu em meio aos termos *selvagem*, *bárbaro* e *cruel*, e em meio aos recorrentes recursos retóricos. Até o ritual de ingerir carne humana, que causou tanto espanto a Léry, distante no espaço e no tempo, foi utilizado como ferramenta retórica para condenar os acontecimentos que marcavam o contexto no qual o autor escrevia, a antropofagia tupinambá já não podia competir com o horror dos conflitos das guerras de religião entre católicos e protestantes.

Quiçá os conflitos e as guerras fossem verdadeiramente um ponto crucial para entender a cultura Tupinambá, e talvez tivessem ligação intrínseca com a ideia de vingança, mas sua representação certamente foi interpretada e significada pela mediação de um europeu calvinista que estava imerso nas disputas religiosas da cristandade europeia do século XVI, cujo os episódios mais sangrentos coincidiram com o momento em que o autor escrevia sua crônica. Cabe ressaltar, que não é nossa intenção negar ou validar a noção de que os Tupinambás cultivavam guerras e que o desejo de vingança era a principal motivação desses conflitos. O nosso objetivo é destacar que a tentativa de dar significação, e até a escolha de Léry em tratar dessa temática, foram elaboradas em determinado contexto e partem de termos e conceitos historicizados.

---

<sup>148</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.162.

<sup>149</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.162.

Doravante, nossa análise será sobre o capítulo XVI, de título *Religião dos Selvagens da América: Erros Em Que São Mantidos Por Certos Trapaceiros Chamados Caraíbas; Ignorância de Deus*, nesta seção Léry trata da religiosidade indígena. E se nos parágrafos anteriores, onde analisamos os relatos sobre a nudez, aspectos físicos, conflitos e rituais, identificamos que a posição religiosa do cronista se coloca como principal lente, através do qual ele construiu a sua narrativa sobre os indígenas, a julgar pelo título, a narrativa sobre a religião parece utilizar a mesma lente.

À vista disso, logo de início, podemos observar que o trato com o “Outro”, opera através da negação: “os índios não têm ideia de Deus” e “não adoram qualquer divindade”:

Embora seja aceita universalmente a sentença de Cícero, de que não há povo, por mais bruto, bárbaro ou selvagem que não tenha idéia da existência de Deus, quando considero os nossos tupinambás vejo-me algo embaraçado em lhe dar razão. Pois além de não ter conhecimento algum do verdadeiro Deus, não adoram quaisquer divindades terrestres ou celestes, como os antigos pagãos, nem como os idólatras de hoje, tais os índios do Peru, que, a 500 léguas do Brasil, veneram o sol e a lua. [...] Não só desconhecem a escrita sagrada ou profana, mas ainda, o que é pior, ignoram quaisquer caracteres capazes de designarem o que quer que seja.<sup>150</sup>

Nessa direção, Léry afirma que “no mundo não existem homens mais afastados de quaisquer idéias religiosas”,<sup>151</sup> e em seguida atesta que “ainda alguma luz atravessa as trevas de sua ignorância...”.<sup>152</sup> A mencionada *Luz* se refere à crença dos Tupinambás na imortalidade da alma e na ideia de que as almas que viveram dentro das normas consideradas certas dançariam em altas montanhas com seus ancestrais e as almas dos covardes teriam que conviver com Ainhã, “nome do diabo, que as atormenta sem cessar.”<sup>153</sup> Essa crença é tomada de início como algo positivo, mas logo em seguida ela é utilizada como ferramenta retórica para criticar os *ateus*:

A esses ateus que negam todos os princípios e por isso mesmo são indignos de ouvir falar nas Santas Escrituras apontarei os nossos pobres brasileiros que, apesar de sua cegueira, admitem não só existir

---

<sup>150</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.163.

<sup>151</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.164.

<sup>152</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.164.

<sup>153</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.165.

no homem um espírito que não morre com o corpo mas ainda a felicidade ou a desgraça no outro mundo.<sup>154</sup>

Na referência à crença em uma entidade maligna (Ainhã ou Kaagere), temos a associação mais óbvia que poderia ser realizada, ou seja, não foi possível a Léry identificar uma entidade positiva, mas foi simples associar a entidade que atormentava as almas covardes ao diabo. Vale salientar, que embora nosso cronista não tenha identificado a crença de uma entidade que representasse o “bem” ele foi capaz de identificar o seu completo oposto. Essa aparente incoerência desaparece quando levamos em conta a posição religiosa e o universo simbólico de Léry, isto é, o não reconhecimento de uma entidade positiva estava ligada à crença do autor em um único deus, o diabo que ele identificou, não era uma entidade maléfica da cultura indígena, mas era tão somente o mesmo diabo que se opunha ao deus cristão, existindo assim, uma mera projeção.

Após as suas considerações iniciais, Léry insere um elemento importante para nossa análise de sua representação da religiosidade indígena: os *caraibas*. Estes eram tomados, não só por Léry, mas pelos europeus em geral, como sacerdotes e grandes inimigos do processo de conversão dos indígenas ao cristianismo. Segundo Léry, os caraibas eram enganadores que iludiam os povos nativos com falsas crenças e falsos valores. Nesse sentido, o cronista diz que “poderia dar uma idéia exata desses caraibas comparando-os aos frades pedintes que enganam a pobre gente e andam de lugar em lugar com relicários de Santo Antônio e de São Bernardo ou outros objetos de idolatria.”<sup>155</sup>

E falando sobre os poderes que os caraibas atribuíam a si mesmos de fazer crescer raízes e frutos, Léry relata:

(...) se lhes afirmávamos que quem fazia tudo isso era o Deus em que acreditávamos e que pregávamos, era o mesmo que entre nós falar contra o Papa ou dizer que a relíquia de Santa Genoveva em Paris não faz chover. Esses trapaceiros, em suma, nos aborreciam tanto quanto os falsos profetas de Jesabel que odiavam ao profeta Elias, denunciador de seus abusos; aliás, ocultavam-se de nós, evitando aparecer nas aldeias por onde andávamos ou nelas dormir.<sup>156</sup>

---

<sup>154</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.166.

<sup>155</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.169.

<sup>156</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.171.



Assim, os caraíbas também se tornam instrumentos retóricos para criticar os católicos, e neste caso específico, parece se referir a André Thevet, que como vimos, era um frei franciscano ao qual Léry pretendia se contrapor. Os caraíbas também são usados para criticar a idolatria, prática que os protestantes recriminavam e acusavam os católicos de cometer.

Continuando a relatar sobre a religiosidade indígena, nosso cronista faz referência a uma crença que para ele seria expressão de resquícios da memória do Grande Dilúvio:

Celebravam ainda em suas canções o fato das águas terem transbordado por tal forma em certa época, que cobriram toda a terra, afogando todos os homens do mundo, à exceção de seus antepassados que se salvaram trepando nas árvores mais altas do país. Este último ponto, que muito se aproxima das Santas Escrituras, tive a oportunidade de ouvir inúmeras vezes. É verossímil que de pais a filhos ouvissem contar alguma coisa do dilúvio universal e do tempo de Noé e tivessem deturpado a verdade, como é hábito dos homens; e isso é tanto mais natural, quando, como vimos, não tendo nenhuma espécie de escritas, difícil se lhes torna conservar a pureza dos fatos ao transmiti-los; daí terem adicionado a fábula das árvores, tal qual o fariam os poetas.<sup>157</sup>

A diferença entre a crença indígena e a crença cristã é atribuída a tradição oral dos nativos que, com o passar do tempo, teria causado alterações na narrativa. Nos parece adequado afirmar que estamos em face a incorporação de uma determinada crença que é ressaltada e significada na medida em que serve ao objetivo de inserir aquela realidade estranha à crença cristã calvinista do cronista. A incorporação prossegue quando Léry também se propõe a dissertar sobre a origem dos nativos:

Parece-me pois mais provável que descendam de Cam. Atestam as Santas Escrituras que quando Josué chegou à terra de Canaan e começou a ocupá-la, de acordo com a promessa de Deus e em obediência a uma ordem precisa, os povos da região se acovardam por completo. É verossímil que os avós e antepassados de nossos americanos, expulsos de Canaan pelos filhos de Israel, tivessem embarcado e se deixado levar ao léu até aportar em terras da América.<sup>158</sup>

---

<sup>157</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.170.

<sup>158</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.176.

Cam é um personagem do livro de Gênesis, filho de Noé, sobreviveu juntamente com seus irmãos Sem e Jafé, e após o Grande Dilúvio, viu a nudez de seu pai, e por isso foi amaldiçoado como o “servo dos servos”.<sup>159</sup> A crença de que dos nativos americanos descendiam de Cam era comum entre os europeus do século XVI, o próprio Léry cita o livro “*História Geral das Índias*”, escrito por Francisco López de Gómara (1511-1566), onde o autor compartilha dessa mesma convicção:

Com efeito, o historiador espanhol da "História Geral das Índias", varão mui versado na ciência, é de opinião que os índios do Peru, terra limítrofe do Brasil, são descendentes de Cam e trazem o estigma da maldição de Deus.<sup>160</sup>

Dispomos, deste modo, de uma justificativa que marca a relação dos europeus, deste período, com a alteridade, ou seja, a construção do outro como diferente e inferior, e por ser diferente e inferior deve ser domesticado ou exterminado.

Diante disso, surge o seguinte questionamento: Quantos aspectos da cultura indígena foram ignorados ou negligenciados porque não puderam ser utilizados como instrumento retórico ou por não serem suscetíveis a uma significação através da posição religiosa de Léry? A incorporação de aspectos da cultura indígenas à cosmologia cristã europeia é parte dessa construção, que prioriza elementos que possibilitam uma apropriação e assimilação, ou de maneira mais ampla, uma compreensão, e que tomemos compreensão como White:

A compreensão é um processo de tornar familiar o não-familiar, ou “estranho”, no sentido freudiano desse termo; de removê-lo do domínio das coisas consideradas “exóticas” e não-classificadas num ou outro domínio da experiência codificado de modo suficientemente adequado para que seja considerado humanamente útil, não-ameaçador, ou apenas conhecido por associação.<sup>161</sup>

Desta maneira, tudo o que não foi possível de ser utilizado neste processo de construção da narrativa foi ignorado, e a negligência consciente ou inconsciente, se expressa em um esvaziamento do significado que os indígenas atribuíam à sua cultura e realidade, mas que possibilita a compreensão do público leitor, que neste caso, são os europeus calvinistas do século XVI.

---

<sup>159</sup> A Bíblia (Gênesis, 9:25).

<sup>160</sup> LÉRY. *Viagem à terra do Brasil...* p.176.

<sup>161</sup> WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1994. p.17.

Voltemos agora a indagação inicial deste capítulo: Como foi a construção da representação dos indígenas por Jean de Léry? Através da análise de sua narrativa, tentamos compreender como Léry construiu a imagem do “índio” levando-se em consideração, para tanto, a sua condição de francês calvinista do século XVI. Essa questão teve como função fornecer elementos para a compreensão da crônica no que se refere a representação dos indígenas, pois só quando compreendêssemos que o texto foi escrito por um determinado personagem, para um determinado público e em um determinado contexto, poderíamos depreender que tal imagem foi construída a partir de valores que eram externos e estranhos aos nativos. Podemos compreender que a representação indígena de Léry, veiculada em sua obra *Viagem à terra do Brasil* dentro de um processo de escrita que tinha por base a contraposição ao discurso de grupos católicos, os indígenas são tomados pelo termo “selvagens”, um termo objetificante e que se define pela negação da civilização. Percebemos que mesmo em passagens com tom elogioso, sua descrição esvaziava os significados da cultura indígena, fazendo associações e analogias que desqualificam as características dos nativos.

## **Considerações Finais**

A intenção de nossa pesquisa, era esclarecer a importância das relações de identidade e alteridade na construção das narrativas presentes no livro *Viagem à Terra do Brasil*. À vista disso, procuramos outros sentidos para os relatos de Jean de Léry em sua inter-relação com os discursos religiosos e as representações sobre o “Outro” a partir do contato dos europeus com o Novo Mundo.

Analisando a circularidade da literatura de viagens, articulando-a com o contexto das Grandes Navegações, surgimento da imprensa, a difusão do livro e as práticas de leitura, pudemos compreender a difusão dos imaginários sobre o continente americano. Entendemos que discurso sobre a alteridade foi transformando-se, paulatinamente, em um padrão cultural, uma vez que reiterava a marcação da diferença em relação a um “Outro” reputado como bizarro, exótico e selvagem, destacando as especificidades culturais de quem escrevia, mantendo uma identidade e um local do qual podia-se apontar as distinções. Esse ponto leva-nos a uma fundamental questão: a impossibilidade da existência do “Eu” sem o conflito com o diferente, o estranho, o “Outro”. A interação entre a parte íntima do indivíduo e o outro, forma o centro da vida

social, ao interagirem, os indivíduos reafirmam o que faz parcela de si mesmo e o que faz parcela do mundo externo.

Nesse sentido, Léry parte, em seus relatos, de suas experiências transcorridas na Baía de Guanabara. Todavia, no decorrer do texto, percebemos que a essas experiências só conseguem ser assimiladas ou compreendidas através de comparações e incorporações a referências de um imaginário pré-concebido. E ainda que frequentemente citado como um exemplo de narrativa inovadora de um europeu sobre as terras ameríndias, a crônica de Léry não é um relato inaugural do Brasil, o que ele apresenta, já estava, de certa maneira, historicizado.

Partindo do princípio de que todo documento é sempre portador de um discurso e que não pode ser tomado como algo que reproduz exatamente a realidade, e que a crônica, assim como qualquer outra fonte literária, é uma produção autoral e anedótica, que carrega consigo estigmas, influências de sua época e da formação mental do autor. Nossa intenção não é negar que Léry tenha uma narrativa peculiar se compararmos com outras narrativas de seus contemporâneos, a questão é evitar cometer anacronismos. Pensar Léry a partir de uma perspectiva de um “mito fundador” do pensamento antropológico, de ideias que só foram sistematizadas três séculos depois da publicação de sua crônica, seria, de certo modo, autorizar suas representações, e como demonstramos, não são expressões imaculadas dos europeus e indígenas do século XVI.

Tomando Jean de Léry como cerne, analisamos aspectos de sua biografia e sua relação com o projeto da França Antártica. Também, seguimos sua trajetória após seu retorno à Europa, assim, atestamos suas experiências em meio ao embate religioso entre católicos e reformados, miramos para o fato de seu discurso ser construído neste ambiente conflituoso. Depreendemos, então, que sua condição de francês calvinista do século XVI foi a principal lente, ou filtro, através do qual ele concebeu sua realidade, a realidade da França Antártica e a realidade francesa do século XVI, do mesmo modo, é a lente a qual ele construiu a sua narrativa sobre o Brasil e seus habitantes nativos.

Com o objetivo de legitimar a posição dos calvinistas no contexto dos conflitos na cristandade europeia do século XVI, a construção da narrativa da obra de Léry tinha por base a contraposição ao discurso de grupos católicos. A representação dos indígenas foi construída através dos elementos que sua cultura, ideologia e contexto forneciam, e que combinados com a utilização de ferramentas retóricas, esvaziavam o sentido que os

indígenas atribuíam à sua própria cultura, mas que possibilitavam a compreensão do público leitor, que neste cenário, são os europeus calvinistas do século XVI.

Como vimos, *Viagem à Terra do Brasil* não foi escrito durante a viagem ou logo depois de sua chegada, Jean de Léry publicou seu livro 20 anos após o seu retorno à Europa. Desta maneira, o cronista refez a viagem através de suas lembranças, e inserido em um novo contexto, acabou por ressignificar suas memórias. Assim, os antropólogos e historiadores, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, interpretaram sua obra mergulhados em contextos diferentes, de modo, que essa “Viagem à Terra do Brasil” continuou a ser refeita por incontáveis vezes. “Mas Viajantes e pesquisadores, por muito tempo ainda, continuarão buscando, nessa terra imaginária, o seu reflexo perdido no espelho do outro”<sup>162</sup>

---

<sup>162</sup> AUGRAS, Monique. Imaginária França Antártica, In: PIZARRO, Ana. América Latina: palavra, literatura e cultura. Campinas: Unicamp, 1994. p31.

## Referências Bibliográficas:

### Documentação escrita:

LÉRY, Jean de. *Viagem a Terra do Brasil*. Tradução e notas de Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961.

### Obras gerais:

A BÍBLIA. Jesus lava os pés aos discípulos. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. 1110 p. Velho Testamento e Novo Testamento.

ANDO, Marta Yumi. *A construção da alteridade em Viagem à Terra do Brasil*. In: UNILETRAS. n26, dezembro. 2004. p.115.

AUGRAS, Monique. *Imaginária França Antártica*, In: PIZARRO, Ana. América Latina: palavra, literatura e cultura. Campinas: Unicamp, 1994.

BACELAR, J. *Apontamentos sobre a história e desenvolvimento da imprensa*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Lisboa, 1999.

BARROS, Alberto Ribeiro Gonçalves de. *O direito de resistência na França renascentista*. In: kriterion, Belo Horizonte, nº 113, junho/2006.

BELMONTE, Alexandre. *A construção do outro e do si-mesmo: vínculos de identidade e alteridade no relato de Jean de Léry*. Rio De Janeiro. Editora da UERJ. 2006.

\_\_\_\_\_. *Imprensa, Leitores e Leituras no Século XVI: Possibilidades de Recepção*. Revista UNIABEU. Belford Roxo V.7 Número 15, janeiro-abril, 2014.

\_\_\_\_\_. Saudades do Novo Mundo. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Nº 92, Rio de Janeiro. 1º/05/2013.

BONNICI, Thomas. Encontros coloniais na literatura de viagens no Brasil do século XVI. *Mimesis*. Bauru, v. 21, n. 1, 2000, p.7-24.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e Análise de textos. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 536-567.

CARR., E. H. *Que é história?* 8ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 2002.

CERTEAU, Michael de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

- \_\_\_\_\_. *A Ordem dos Livros: Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa Entre os Séculos XIV e XVIII*. 2ª Ed. Brasília: Editora da UnB, 1998.
- \_\_\_\_\_; CAVALLO, Guglielmo (org.); *História da Leitura no Mundo Ocidental*. Val.3. São Paulo: Editora Ática, 199.
- \_\_\_\_\_. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: ARTMED Editora 2001.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CIAMPA, Antônio da Costa. *A estória do Severino e a história da Severina*, São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- DAHER, Andrea. *A oralidade perdida – Ensaio de história das práticas letradas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- DIAS, Ana Paula. *Diário de navegação de Pro Lopes de Souza: A Representação do real e os filtros de representação*. Letras & Letras, Projeto Vertical, 1997.
- FOUCAULT, Michel de. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras. 1992.
- HALL, Stuart; WOORDWAD, Kathryn. SILVA, Tomas Tadeu. *Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto: Ensaio sobre representação do Outro*. Belo horizonte, Editora da UFMG, 1999.
- LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes. *Corpo Calado: Imaginários em Confronto*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.
- LE GOFF, Jacques. *Uma breve história da Europa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- LESTRINGANT, Frank. *De Jean de Léry a Claude Lévi-Strauss: por uma arqueologia de Tristes trópicos*. Revista De Antropologia. n. 43, v.2, 2000. p.82-103.
- LESTRINGANT, Frank. *O Brasil de Montaigne*. Revista de Antropologia. São Paulo, v. 49, n. 2, 2006.

- LOWENTHAL, David. *Como Conhecemos o Passado*. Projeto História, São Paulo (17). ed. Nov.1998.
- MARIZ, Vasco; PROVENÇAL, Lucien. *Villegagnon e a França Antártica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- MEDEIROS, Christian Brially Tavares de. *As representações imagéticas do relato de viagem de Jean de Léry: Uma contribuição calvinista à temática indígena*. In: Educação, escola & sociedade. V.14 N.16. 2021.
- MOÍSES, Leyla Perrone. *Alegres Trópicos: Gonneville, Thévet e Léry*. Revista da USP. São Paulo (30): junho/agosto.1996 (Brasil dos Viajantes;7).
- ORLANDI, Eni Puccinelli *Análise de Discurso: Princípios e Procedimento*. Campinas: Pontes, 2020.
- \_\_\_\_\_. *Terra à Vista! Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. Campinas: Editora Unicamp, 2008.
- PAIVA, Diego Souza de. *Um Espelho em Construção: O índio na crônica de Jean de Léry*. Sebo Vermelho, 2008.
- RAMINELLI, Ronald. *Imagens da Colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- RICOEUR, P. *Do Texto à Ação*. Porto: Rés-Coleção Diagonal, [s.d.]
- \_\_\_\_\_. *Tempo e Narrativa*. Tomo 1, 2 e 3. Campinas: Papyrus, 1994.
- SIQUEIRA, Vera Beatriz. Jean de Léry e Paul Claudel: entre dois mundos. In BERBARA, Maria; MENEZES, Renato; HUE, Sheila (org.). *França Antártica: ensaios interdisciplinares*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2020.
- TAVAREZ, Fabiano Luiz de Freitas. *Conflitos da França Antártica: Franceses se instalaram na Guanabara em 1555, mas diferenças religiosas enfraqueceram a empreitada*. In: 49ª edição Revista de História da Biblioteca Nacional. Outubro 2009.
- THÉVET, André. *Singularidades da França Antártica*. Editora Nacional, Rio de Janeiro, 1944.
- TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes. 1982.



WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1994.

WOORTMANN, Klaas. *O Selvagem e o Novo Mundo: Ameríndios. Humanismo e Escatologia*. Brasília: Editora da UnB. 2004.

\_\_\_\_\_, Klaas. *O Selvagem na gesta dei: história e alteridade no pensamento medieval*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001 (série Antropologia).